

MAIO, 2023. [v.1] [n.1]

TERRACOTA

A revista do GECHINA



Edição especial de lançamento da revista Terracota | Viagem do Presidente Lula à China | Dilma Rousseff na presidência do Banco do BRICS | Simbologia da música Novo Tempo



研究中国

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CHINA

TERRACOTA

A r e v i s t a d o G E C H I N A

MAIO 2023. [v.1] [n.1]

EDITOR CHEFE

Arthur Rodrigues Cortez

CORPO EDITORIAL

Arthur Rodrigues Cortez
Eduardo Stelzer Alcure Silva
João Paulo Araújo Souto
Maria Luiza da Silva Laranjeiras
Najara Escarião Agripino
Octávio Henrique Alves Costa de Oliveira
Thays Alves da Silva

REVISOR

Octávio Henrique Alves Costa de Oliveira

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

João Paulo Araújo Souto
Thays Alves da Silva

DIAGRAMAÇÃO

João Paulo Araújo Souto
Thays Alves da Silva

CAPA

Thays Alves da Silva

IMAGENS

Ricardo Stuckert (Capa)
Aaron Greenwood



研究中国

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CHINA

O QUE É TERRACOTA

Maria Luiza da Silva Laranjeiras¹

A Cidade de Xi'an, atual capital da província de Shaanxi, no centro noroeste da China, é reconhecida como uma das quatro grandes capitais antigas da China, posição que manteve durante várias dinastias, incluindo a primeira dinastia de uma China unificada. Considerada um centro cultural e econômico do mundo antigo, sendo ponto inicial da Rota da Seda, a cidade (re)emergiu como um centro cultural, político, industrial e educacional ao longo das últimas décadas. Trata-se de uma cidade efervescente, plural e lar de maravilhosos tesouros arqueológicos, naturais de uma cidade que possui mais de 3 mil anos de história.

Em 1997, mais um título de relevo foi adicionado à cidade de Xi'an, ela e Brasília tornaram-se Cidades Irmãs, o acordo foi celebrado como maneira de estreitar as relações e as trocas entre os dois países, agora com seus centros ligados por uma linha invisível atravessando o globo. Apesar de irmãs, é possível ver um claro contraste entre as cidades, enquanto uma é o coração histórico do país e foi capital durante centenas de anos, a outra é jovem, construída para atender os desígnios de um tempo não tão distante.

Poucas décadas antes, em 1974, a cidade foi tomada por uma descoberta única quando agricultores da região encontraram o mausoléu de Qi Shi HuangDi, o primeiro imperador da Dinastia Qin, e junto dele milhares de tesouros que, de certa forma, constituem um microcosmo daquela época, entre eles o célebre Exército de Terracota, um conjunto de mais de oito mil estátuas, acompanhadas de cavalos e carruagens, esculpidas com tanto rigor que até hoje espantam com a riqueza de detalhes de cada um dos rostos, das expressões, armaduras e utensílios. Por essa razão, os guerreiros já foram diversas vezes descritos como a “Oitava Maravilha Antiga do Mundo”, encantando e inspirando pesquisadores e curiosos, mesmo quase 5 décadas após seu descobrimento.

Os inimagináveis tesouros de Terracota ficaram escondidos por quase 22 séculos, mas hoje esse local ganhou seu merecido destaque e reconhecimento. Tornou-se berço de achados incríveis que impactaram toda a humanidade, e mantém-se como um espaço de descobertas, beleza, mistério e lembrança daqueles que nos antecederam. É nesse sentido que surge nossa revista, como um espaço de descobertas e de partilha de conhecimento. Aqui, nosso leitor poderá ter acesso a um novo mundo de visões plurais sobre a Ásia e a China, como um novo tesouro escondido.

Dito isso, bem vindos a nossa Terracota!

¹ Graduanda em Direito pela Universidade de Brasília, coordenadora geral do GECHINA- UnB, pesquisa legitimidade constitucional e direito chinês. email: mlsjaranjeiras@gmail.com

SUMÁRIO

Revista Terracota: Uma Introdução Emiliano Unzer	4
A visita de Lula à China e a nova ordem em gestação Isis Paris Maia	10
O Lula foi e o Brasil Voltou: A viagem de Lula à China e seus impactos na relação sino-brasileira Ana Caroline de Sousa Sampaio; Arthur Rodrigues Cortez; João Paulo Araújo Souto; Luiz Gabriel Ribeiro Locks; Octávio Henrique Alves Costa de Oliveira	18
Repercussão Internacional Cristina Ferreira	30
Dilma Rousseff na presidência do Banco do BRICS e porque isso importa: uma análise das relações Brasil e China Maria Luiza da Silva Laranjeiras	38
Momento Cultural 文化时刻	45
Um novo tempo da política externa brasileira para a China Thaís da Silva Viana	46



研究中国

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CHINA

Revista Terracota: Uma Introdução

Emiliano Unzer¹

"A verdade torna-se ficção quando a ficção é verdade.

O real torna-se irreal quando o irreal é real."

- Cao Xueqin, "Sonho da Câmara Vermelha" (c. 1760), Capítulo 5.

Em 29 de março de 1974, fazendeiros cavando um poço perto de Xi'an, na China, descobriram acidentalmente uma das descobertas arquitetônicas mais espetaculares do mundo. No primeiro vislumbre, mal podiam acreditar que era um soldado de infantaria em tamanho real de terracota. Depois no que ficou conhecido como O Exército de Terracota - cada qual com diferentes características faciais e poses, como nos murais de Diego Rivera - feito para zelar pelo túmulo de um dos mais extraordinários personagens da China, considerado por muitos como o primeiro imperador (huángdì, 始皇) da China: Ying Zheng ou pelo seu título "Qin Shi Huang Di", que faleceu em 210 AEC.

Conta-se que Ying Zheng, obcecado por sua imortalidade e de ter sobrevivido a três tentativas de assassinato, procurou desesperadamente o lendário elixir da vida eterna. Em sua busca obsessiva, visitou a Ilha Zhifu, e em um dos casos enviou navios com centenas de rapazes e moças em busca da mítica montanha Penglai, onde oito imortais de tempos recuados viviam. Eles procuraram Anqi Sheng, um mágico de mil anos de idade. Na montanha, tudo é puro e branco, seus palácios são feitos de ouro e prata, jóias crescem nas árvores. Não há agonia nem inverno; há tigelas intermináveis de arroz e taças de vinho; frutas que curam

¹ Doutor em História Social pela USP, mestre em Política Pós-Colonial pela University of Wales - Aberystwyth, Reino Unido e bacharel em Relações Internacionais pela UnB. Além disso, hoje é Professor Associado de História da Ásia Departamento de História na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Com anos de dedicação ao estudo da Ásia, possui vários artigos e livros publicados em história asiática disponíveis pela Amazon e outras grandes livrarias, incluindo os best-sellers da área "História do Japão: uma introdução", "História da Índia", "A Montanha e o Urso: uma história da Coreia" e de seu magnum opus: "História da Ásia". Email: emil.phd@gmail.com

qualquer doença, e o que foi sonhado pelo soberano, a juventude eterna e imortalidade. A expedição enviada, contudo, nunca mais voltou, outras lendas dizem que eles chegaram ao Japão.

Quase um século depois do imperador, um dos maiores historiadores chineses, Sima Qian (145 – 90 AEC), escreveu que o ambicioso mausoléu começou em 246 AEC, ou seja, 36 anos antes da morte do imperador, e envolveu 700 mil trabalhadores recrutados. E que o soberano foi enterrado com palácios, torres, funcionários, artefatos valiosos e objetos maravilhosos. Mais de 100 rios fluentes foram simulados usando mercúrio, e acima deles o teto foi decorado com corpos celestes, abaixo dos quais estavam as características da Terra. A necrópole foi construída como um microcosmo do palácio ou complexo imperial do imperador. Auspiciosamente escolhido foi uma colina, Monte Li, afamado por suas reservas de jade e ouro.

Um feito único no mundo. Hoje, assombrados, estudiosos e turistas mal conseguem conceber um vasto projeto que cobre uma área de mais de 55 quilômetros quadrados, quase o tamanho da cidade de Berna, na Suíça. Georadares (GPR) apontam para uma área ainda maior, quase o dobro.

Esse complexo localiza-se num dos onze subúrbios de uma cidade lendária na história chinesa: Xi'an. Com quase 13 milhões de habitantes, a maior da região noroeste da China, essa megalópole na província de Shaanxi exala seus séculos de histórias e lendas. Referida como Chang'an ao longo dos séculos, é uma das quatro capitais históricas chinesas, junto com Nanjing, Beijing e Luoyang. Desde 1997, Xi'an é uma das cidades-irmãs de Brasília, ambas evocando sua posição de comando político.

Xi'an foi capital por mais de 1100 anos e 13 dinastias imperiais, incluindo algumas das dinastias mais importantes da China. Na verdade, as planícies férteis de Shaanxi são consideradas o marco zero da civilização chinesa antiga, o eixo de poder em torno do qual girava o universo chinês.

A história de Xi'an remete há séculos de contatos e trocas de pessoas, culturas e mercadorias. A cidade não foi apenas capital imperial e provincial. Em 202 AEC, Liu Bang determinou a cidade, Chang'an, como capital da nascente dinastia Han, e onde foi com o tempo construído um dos maiores complexos de palácios imperiais da história, o de Weiyang, quase 11 vezes o tamanho do Vaticano. A cidade foi ponto de chegada e partidas de missões, expedições, caravanas e peregrinos. Foi aqui que o famoso peregrino budista, Xuanzang, depois de vinte anos de viagens, fundou uma escola e traduziu textos budistas sagrados ao chinês no século 7º. Para abrigar suas traduções, foi erguido o Templo do Ganso Selvagem com mais de 60 metros de altura. No século seguinte, seguindo a vocação cosmopolita da cidade e império, foi erguida na cidade uma estela de pedra, em 781, em chinês e siríaco, atestando a existência e reconhecimento de comunidade de cristãos nestorianos em cidades chinesas. Xi'an pulsava o mundo asiático.

Durante as dinastias Sui (581 – 618) e Tang (618 – 907), a cidade era o terminal oriental da Rota da Seda — ligando a China à Ásia Central e à Europa. Até 605, Xi'an, ou Chang'an (ou

Daxing na Era Sui) era a capital imperial até esta ser deslocada mais para o leste, Luoyang. Em 904, no período final dos Tangs, Xi'an foi arrasada, obrigando seus habitantes a se deslocarem até Luoyang. Séculos depois, no período Ming, em 1307, uma nova muralha foi erguida nos seus limites, e é o que vemos atônitos até os dias de hoje. Com quase 12 km de circunferência, 12 m de altura e 15 a 18 m de espessura na base; um fosso também foi construído fora das paredes. Uma obra de engenharia digna do auge dos chineses. Foi dos tempos Ming que fora erguida um dos cartões postais da cidade, a imponente Torre do Sino (Xi'an Zhōnglóu, 西安钟楼), erguida em 1384. Apesar desta ter sido duramente bombardeada pelos japoneses em outubro de 1939, a torre ainda desponta no horizonte da megalópole.

Xi'an ainda hoje guarda sua vocação de terminal crucial da China. A estação ferroviária de trens de alta velocidade da Linha Zhengzhou-Xi'an com 34 plataformas é a maior estação ferroviária do noroeste da China. O aeroporto de Xi'an Xianyang é o maior da região. Nas ruas e mercados da cidade, cheira-se os temperos da cozinha local. O pão embebido em caldo de carne de carneiro (Yáng ròu pào mó, 羊肉泡馍) é um clássico, remetendo às diversas influências dos povos do norte chinês e Ásia Central. O noodle longo esticado à mão, Biangbiang mian, outro por igual, com seu insuperável molho picante tais como os de Sichuan. O canto da ópera local, Qinqiang, com seu inconfundível badalo de madeiro (bangzi), reconta por séculos a história e tragédia da única imperadora chinesa do período Tang, Wu Zetian (624 – 705).

O alcance de Xi'an não se limitou apenas às terras chinesas. Seus produtos, culturas e caminhos chegaram longe. No longínquo oeste, em 215 AEC, foram aprovadas uma série de leis em Roma, Lex Oppia, a limitar a ostentação de luxo e riqueza das mulheres da Cidade Eterna. Juvenal já havia denunciado o excesso lascivo do uso de tecido de seda, avidamente importado pelos romanos das terras chinesas. A seda foi amplamente incentivada – e invejosamente guardado seus segredos de produção – pelas autoridades chinesas desde a dinastia Han. O tecido chegou a ser o principal produto chinês a negociar com as poderosas nações de nômades ao norte e oeste, de Xiongnu à Tanbei. O tecido era leve e resistente, e serviu para distinguir, pelas cores e roupas, posições sociais e de poder. Em Roma, não foi diferente.

Decorrente das preocupações com os poderios ao norte e oeste, o Imperador Wu (156 – 87 AEC) da dinastia Han, mandou em 138 AEC a primeira grande missão diplomática chinesa às terras além das muralhas e fortificações. Zhang Qian visitou, além da busca da aliança com os Yuezhis contra Xiongnu, a Ásia Central, no vale do Fergana, onde relatou ter visto sofisticados moradores urbanos prósperos em Dayuan. Visitou as terras do reino de Bactria (Daxia, 大夏), no noroeste indiano, herdeiro dos regentes macedônios dos selêucidas em terras persas. Na sua volta, Zhang foi capturado e feito prisioneiro em Xiongnu. De suas missões Zhang trouxe novos produtos para o mercado chinês, sendo as mais importantes sementes de alfafa (para o cultivo de forragem para cavalos), cavalos fortes com cascos duros e conhecimento da existência de novos produtos, povos e tecnologias do mundo exterior. Ele morreu por volta do ano de 114 AEC depois de passar vinte e cinco anos viajando.

Xi'an era apenas um ponto nas rotas entre as regiões orientais e ocidentais. A chamada Rota da Seda. Murais nas Grutas de Mogao em Dunhuang, no oeste chinês, descrevem o imperador Wu adorando estátuas budistas, referindo-os como "homens de ouro trazidos em 120 AEC por um grande general Han em suas campanhas contra os nômades", embora não haja evidência clara disso. Há relatos de envio de embaixadas chinesas aos partas persas (Anxi, 安息) e que tenham recebido a reciprocidade por volta do ano 100 AEC. O historiador romano Floro descreve a visita de inúmeras embaixadas, incluindo "seres" (chineses ou centro-asiáticos), ao primeiro imperador romano Augusto. Em 97, o general chinês Ban Chao despachou um enviado a Roma na pessoa de Gan Ying. Várias embaixadas romanas na China ocorreram a partir de 166 e estão oficialmente registradas nas crônicas históricas chinesas.

Os contatos e rotas com o exterior da China não se limitavam à Xi'an, naturalmente. E nem se limitava a produtos e comércio. No século 13, quando os mongóis sob Kublai Khan conseguiram derrotar as resistências da anterior dinastia Song, o imperador decidiu mandar uma mensagem poderosa pelos vários cantos do mundo. Ao leste, mandou duas grandes expedições navais, assim como à costa vietnamita, ilha de Java e até mesmo indo além das selvas birmanesas. Mas, ao oeste, o imperador chinês escolheu um cristão nestoriano, Rabban Bar Sauma (c. 1220 - 1294), um uigur, junto com um ajudante seu, a ir até Jerusalém e buscar contatar os soberanos europeus e o Papa. A China mostrava-se aberta ao mundo em pleno século 13.

Rabban Bar passou pelas prósperas e lendárias cidades da Rota da Seda, aquelas mais ao oeste de Xi'an: Kashgar, Khotan, terras dos Tanguts, Taraz no Vale do Rio Syr Darya na Ásia Central, Khorasan (hoje Afeganistão), até chegar a Mosul, no norte iraquiano, e Geórgia no Cáucaso. No Il-Canato nas terras persas, foi recebido pelo Patriarca Denha I, da Igreja do Leste (Nestoriana). Pelos conflitos na região, Bar e seu ajudante, Markos, ficaram em Bagdá por alguns anos. Ele ali morreu e Markos foi nomeado Yahballaha III como o Patriarca do Leste. No mesmo canato, o cã Hulagu (r. 1256 - 65) era filho de uma georgiana cristã nestoriana, e muitos soberanos na Europa passaram a receber propostas do líder mongol a formar aliança a combater os muçulmanos do Sultanato Mameluco no Egito. Decorrente disso, o furor entre as cortes europeias foi tamanho, que seu nome foi usado para batizar recém-nascidos na Itália, como Alaone (Hulagu) e Can Grande. Os chapéus pontiagudos das princesas mongóis, o boqta, passou a ser voga entre as mulheres europeias, o hennin, nos séculos 14 e 15.

Importante destacar aqui que os contatos que as rotas permitiram foram exploradas pelas autoridades chinesas, e amplificada com a chegada dos mongóis. Depois da morte de Temujin (Gêngis) Khan (r. 1206 - 27) e Ogedai (r. 1229 - 41), os domínios mongóis acabaram se consolidando em quatro grandes canatos (ulus), estendendo-se desde o norte do Mar Negro ao oeste, até a península coreana ao leste. Um grande e magnífico corredor transasiático revitalizou os contatos do leste e oeste. Foi somente com essa ordem mongólica na Ásia que um suposto mercador de Veneza, Marco Polo, conseguiu chegar às terras chinesas...

As interações abertas pelos mongóis, permitiram com que Jorci estabeleça nas terras russas e ucranianas um sistema postal e de rotas que revigorou a economia ao norte do Mar Negro. Até os dias de hoje, em russo, palavras como “herói” (богатырь, bogatur) do vem do mongol medieval, “bagatur”, e fortificação, (кремль, kremlin), do mongol “kheremle”. Os mongóis da Horda Dourada no século 13 se islamizaram para melhor comerciar escravos com os Mamelucos no Egito. Mais ao sul, no entanto, no canato mongol de Chagatai, na Ásia Central, regiões primordiais que controlavam a Rota da Seda que chegava à Xi'an, os cãs locais decidiram preservar as leis mongóis (yassa, **zakar**) para se manter como legítimos herdeiros de Temujin e buscaram estreitar suas relações com os chineses ao leste, convertendo-se ao budismo lamaísta tibetano, em voga na corte em Pequim da Dinastia Yuan.

Outra face das interações da Rota da Seda se deu nas artes e budismo. Já foi mencionado o papel de Xuanzang em trazer e traduzir escritos sagrados do budismo das terras indianas. Quando visitou Báctria, governado por descendentes helênicos que vieram com as conquistas de Alexandre, o Grande, o monge chinês ficou impressionado com o número de mosteiros e templos budistas. Foi em Báctria que uma das maiores escolas de arte budista vicejou, a de Gandara. Em que elementos budistas anteriores se mesclaram com a arte helênica. Estátuas de figuras budistas foram feitas com togas helênicas. Uma das maiores entidades do budismo maaiano, que se espalhará mais ao norte e terras chinesas, a que acredita em seres chamadas de bodisatvas, retratam um guardião de Buda Shakyamuni, que tem sua origem em Hércules, ou Vajrapani. No Japão, esse guardião é chamado de Shukongōshin, na China, ele foi incorporado à religiosidade popular como dois guardiões, Generais Ha e Heng. As rotas terrestres são caminhos de trocas, influências e sincretismos.

Uma nova dinastia manchu chegou ao poder em 1636. Novas culturas e valores. Foi durante esse tempo, no século 18, que as fronteiras do império se estenderam ao oeste, durante os reinados de Kangxi (r. 1661 – 1722), Yongzheng (r. 1722 – 35) e Qianlong (r. 1735 - 96). Um tempo de consolidação imperial, e controle das fronteiras e rotas. Mas o turbilhão das mudanças estava à espreita. Em fins do século 18, rebeliões explodiram nas províncias e houve embates contra rebeldes dos seguidores do Lótus Branco (1794 - 1804). Foi durante esse tempo de perturbações que emergiu uma das maiores obras da literatura chinesa, a de Cao Xueqin, “Sonho da Câmara Vermelha”, cuja epígrafe consta no início desta introdução.

E depois de quase 200 anos, a China experimentou reviravoltas. Apesar das reformas inspiradas pela Imperatriz Cixi, a China entrou em colapso em 1911. Nesse ano, o turbilhão tomou conta das grandes cidades do país, na chamada Revolução Xinhai. Novas ideias e projetos assolaram as praças, advindos do leste e oeste. Em maio de 1919, novas manifestações tomaram as cidades da China, e um dos participantes, testemunha da abertura aos ventos do mundo, Lu Xun, pseudônimo de Zhou Shuren (1881 – 1936), foi o catalisador dos nascentes projetos para o futuro.

Lu Xun foi a síntese brilhante dos tempos, da confluência de pensamentos turbulentos da China no início do século 20. Erudito, ousado, irônico, foi um revolucionário com visão. Tinha

estudado Medicina no Japão e incorporou as ideias vigentes de Charles Darwin. Em 1918, escreveu contos, como o “Diário de um Louco”, que incendiou uma geração sedenta de novidades.

Havia mais. As ideias feministas irromperam na China como uma barragem rompida do temperamental Rio Amarelo. Eileen Chang (1920 – 1995), expressou como poucos as angústias da opressão da sociedade conservadora sobre as mulheres chinesas em “Jugo de Ouro” em Shanghai nos anos de 1930. Em outras inspirações, a sintetizar para o ideário chinês, a Revolução Bolchevique de 1917 sinalizou que povos oprimidos deveriam se libertar conforme proferido por Vladimir Lênin. Um dos impactados por essa nova luz foi um filho de professor na província de Hunan, Mao Zedong (1893 – 1976).

Uma nova China estava em erupção e nascendo. Os tempos turbulentos pareciam remeter a um dos maiores poetas chineses, Li Bai (701 - 762): “Ninguém entende o presente. Aqueles que poderiam ouvir essa música tão profundamente estão desaparecidos há muito tempo”.

A China sempre viveu inserida em suas trocas e redes de contatos e influências com outros povos. Desde o vibrante ambiente de Xi'an, seus mercados e ruas, das feições dos soldados no Exército de Terracota, até as trocas com mercadores e peregrinos vindos de outras terras asiáticas. Em dias atuais, a economia chinesa se firma como uma das maiores e mais dinâmicas na economia asiática e global. Depois de mais de um século de declínio e isolamento, as autoridades em Pequim hoje buscam a natural vocação da China. A Rota da Seda hoje ampliou-se em alcance, sob o projeto Cinturão e Rota desde 2013, alcançando mais de 150 países pelo mundo. É como se a China despertasse depois de séculos suprimida, buscando ampliar suas possibilidades e parcerias. E o alcance não se limita à Ásia. A China por anos nesse século 21 é o maior parceiro comercial do Brasil.

Esse periódico, pois, é um alento para nos atermos às mudanças do contexto global. Estudos e análises serão necessários para atender esse cenário novo, novos acadêmicos e projetos devem nascer e florescer. A história está mudando, o eixo asiático e Pacífico firma-se como premente para o Brasil. Os laços entre brasileiros e chineses, assim como a da humanidade como uma irmandade, devem ser todos incentivados a ecoar o famoso brado de Luo Guanzhong, autor chinês do século 14: “todos os homens são irmãos”.

A visita de Lula à China e a nova ordem em gestação

Isis Paris Maia¹

INTRODUÇÃO

A visita de Lula à China ocorrida em abril de 2023 tem contextos e desdobramentos significativos. O quadro sistêmico e a realidade de ambos os países se entrelaçam a múltiplas contradições. No persistente conflito na Ucrânia, Lula busca se apresentar como mediador, enquanto os EUA e seus aliados seguem convocando países a aumentar o envio de armas - inclusive Biden, Scholz e Macron em recentes contatos com o presidente Brasileiro. Já o dragão oriental anunciou seu plano de paz, com 12 pontos, para a resolução do conflito russo-ucraniano, além de realizar visita a Putin e telefonema a Volodymyr Zelensky (CHINA, 2023). Na ocasião da ligação, o líder chinês falou sobre a posição do país no assento de Segurança no Conselho da ONU e da intenção de promover a paz e não lucrar com o conflito bélico.

Mas este é apenas um dos pontos de conflagração no mundo. Há contornos de outra crise bancária (financeira) cujos efeitos podem ser globais - tal como em 2008. O mais importante tem sido a crescente rivalidade sino-estadunidense, cujos desdobramentos rebatem em diversos espaços, de Taiwan à Guerra Comercial - incluindo a batalha pela liderança do segmento de semicondutores. O Brasil busca retomar o protagonismo na política externa com o presidente Lula tomando para si a tarefa de recuperar a relação com o país asiático após a errática condução da diplomacia sob o governo de Jair Bolsonaro (HIRST; MACIEL, 2022). Na ocasião, declarações anti-chinesas foram feitas por autoridades governamentais, incluindo o chanceler Ernesto Araújo e Eduardo Bolsonaro, filho do presidente e Deputado Federal. A título de exemplo, podemos citar a frase infeliz do Deputado em questão: "Quem assistiu (à série) Chernobyl vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura

¹ Isis Paris Maia é Historiadora (2020), Mestre (2023) e Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sua agenda de pesquisa conta as políticas de combate à pobreza, instituições e governança na China. email: isisparismaia@gmail.com

soviética pela chinesa. +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas. A culpa é da China e liberdade seria a solução” (G1, 2020).

Desafios brasileiros

Ao assumir o governo do Brasil, Lula se colocou diante de desafios importantes, tanto em termos econômicos quanto políticos. A economia brasileira está com a taxa composta de subutilização da força de trabalho – que engloba pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas e na força de trabalho potencial em relação à força de trabalho ampliada – acima de 21% (FERRARI, 2022). Já a taxa de informalidade no país foi de 40,0% (IBGE..., 2022) da população ocupada e quase 4% de desalentados (que sequer procuram empregos). Ademais, apenas 40% (EMPREGO..., 2023) dos trabalhadores do setor privado possuem seus direitos trabalhistas através da CLT (Carteira de Trabalho).

Tudo isso somado ao fato de a economia brasileira ter tido sua pior década (2011 a 2020) em 120 anos, com crescimento médio do PIB (Produto Interno Bruto) de apenas 0,3% (ALVARENGA, 2021), e desastrosa gestão econômica e sanitária durante a pandemia. Além disso, a economia brasileira vem passando por uma sistemática desindustrialização há cerca de 4 décadas. Em termos comparativos globais, a taxa de investimentos no Brasil em 2022 está entre as mais baixas do mundo - menor que 139 de um total de 170 países.

Ademais, o Brasil apresenta a urgência de destravar o crescimento econômico, constrangido pela herança do governo anterior e pelos juros altos conduzidos pelo Banco Central - cuja autonomia decorre da Lei aprovada em 2021. Ao não possuir controle sobre as decisões de política monetária, o atual governo Lula tem de lidar com uma taxa de juros de 7,5% (FERRARI, 2022) - o que torna o Brasil o país com a maior taxa real do mundo, quase o triplo do segundo lugar, o México com 2,8% (PAULANI, 2023). Assim, com juros exorbitantes, torna-se impossível elevar os investimentos e fazer a economia crescer de maneira sustentável. Trata-se de um impasse sem solução até o momento.

Sem reabrir um ciclo robusto de desenvolvimento, a estabilidade política tênue pode se desfazer rapidamente. A sociedade brasileira segue profundamente polarizada e as forças políticas ligadas ao Bolsonarismo gozam de grande apoio político em diversos segmentos da sociedade. Aliás, após a invasão dos prédios dos Três Poderes em Brasília no dia 8 de janeiro, o percentual obtido pela ideia de que a invasão foi “totalmente injustificada” é pequeno, 53% - próximo ao capital eleitoral do Lula no 2o Turno. A soma dos que acham que ela foi “justificada em parte” (27,5%) e “totalmente justificada” (10,5%) chega a 38% dos respondentes e os favoráveis a uma intervenção militar para invalidar o resultado eleitoral foi de 36,8% (PAULANI, 2023).

Ou seja, trata-se de uma força política de extrema-direita com considerável influência na sociedade e disposta realmente a subverter a ordem constitucional. Além da força social, esta possui grande presença no Parlamento e em diversos setores empresariais (POMPEIA, 2022), bem como junto às Forças Armadas (STRECKER, 2023). E, mesmo a grande mídia (Globo) que

se opôs ao governo Bolsonaro, rejeita mudanças na política econômica de cunho neoliebral, pois está ligada a setores financeiros contrário à redução dos juros e ao controle do governo sobre o Banco Central e sua política monetária. No caso das relações com a China, estas forças bolsonaristas e liberais são as mais avessas à cooperação com a China. Contudo, apesar de ideologicamente pró-estadunidenses, o agronegócio fez lobby no Parlamento contra a diplomacia anti-chinesa de Bolsonaro, afinal o mercado chinês tem sido o motor de nossas exportações, sobretudo do setor primário. Em contrapartida, embora o setor do agronegócio tenha interesses pragmáticos no comércio com a China, não há no Brasil um pensamento estratégico para lidar com o país asiático. A indústria nacional se sente ameaçada pela competitividade chinesa e a burocracia ainda mantém uma visão ora desinformada, ora preconceituosa. Na mídia Ocidental, principalmente a nacional, ainda há escassez de canais de informação que tratem a China de maneira mais condizente com a realidade.

O lugar da China na reconstrução nacional

É importante considerar que a China é desde 2009 o maior parceiro comercial do Brasil, destino de mais de 30% das exportações brasileiras, e grande investidor global. O fluxo comercial passou de US\$ 4,4 bilhões em 2002 para quase US\$ 68 bilhões em 2016. Em 2021 o comércio totalizou US\$ 135 bilhões – responsável por US\$ 40 bilhões de superávit.

O aprofundamento das relações sino-brasileiras se apresenta como uma oportunidade de desenvolvimento nacional e retomada de uma inserção internacional protagônica, incluindo o fortalecimento do BRICS, bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, países inexoravelmente decisivos para o mundo multipolar em formação e agora com a ex-presidente Dilma Rousseff assumindo sua principal instituição financeira, o NDB (Novo Banco de Desenvolvimento). Tal circunstância já era vista como oportuna há mais de uma década por Silva (2012). Segundo o professor, os países correspondentes do BRIC's embora pertençam a tradições culturais e políticas distintas, possuem características em comum “como grande extensão territorial, grande população, potencial de crescimento e desenvolvimento, bem como capacidade de segurança e defesa” (SILVA, 2012)

Num mundo em transição e crescente rivalidade, a habilidade política de Lula e a tradição diplomática do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) devem explorar as brechas para barganhar oportunidades. Nesse sentido, a China não deveria ser considerada uma ameaça, mas um potencial promotor da reindustrialização brasileira. Na ordem geopolítica atual, o país se apresenta como uma alternativa desenvolvimentista à hegemonia neoliberal estadunidense (MERINO, 2022)

A posição de independência e protagonismo brasileiro fez inclusive, em reunião de Lula com Joe Biden, reativar o Fundo Amazônia. Criado há 15 anos para financiar ações de redução de emissões provenientes da degradação florestal e do desmatamento na Amazônia, estava parado desde 2019 na gestão Bolsonaro. Nesse contexto de ambivalência diplomática, o Brasil

viu o valor do Fundo saltar de uma proposta inicial de US\$ 50 milhões, para dez vezes mais (US\$ 500 milhões).

Um balanço do encontro sino-brasileiro

Esta foi a primeira viagem de Lula à China desde sua eleição em 2022 - e se tornou a quarta na história do mandatário (2004, 2008 e 2009). Como preparação para a visita, o Palácio do Itamaraty sediou uma reunião interministerial para discutir a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban). Segundo o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, a Cosban é "uma comissão de alto nível para a relação Brasil-China, que é o nosso maior parceiro comercial".

Como esperado, a visita do presidente à China rendeu muitos acordos. Do setor privado brasileiro e a indústria chinesa podemos citar acordos entre: Prumo Logística e SPIC para realização de estudos de avaliação da viabilidade financeira e técnica de projetos de energia renovável; Seara e JAC Motors para a aquisição de 280 caminhões elétricos; Friboi e a WHG estabeleceram parceria para distribuição de seus produtos do frigorífico brasileiro na China; JBS e o Banco da China firmaram acordo para concessão de crédito para exportação; o Banco do Brasil e ICB (Cooperation Industrial and Commercial Bank of China) assinaram MoU para cooperação no enfrentamento às mudanças climáticas, com metas de desenvolvimento sustentável e equidade social, investimento, financiamento, apoio técnico; a Furnas e State Grid se uniram para desenvolver o projeto de Revitalização da Transmissão DC da Hidrelétrica de Itaipu; os Correios do Brasil e o Grupo Cainiao assinaram convênio para melhorar o tempo de entrega de ponta a ponta e a eficiência das atividades de entrega; a Suzano assinou 3 acordos com parceiras chinesas, para a construção de 5 navios de transporte de celulose e produtos de base biológica, incluindo contrato de transporte de longo-prazo; para colaboração em materiais de base biológica e carbono e investimentos e P&D e o lançamento do Innovability Hub, na Cidade da Ciência de Zhangjiang, em Xangai. Já a Vale celebrou 8 acordos com parceiros chineses: com a Universidade Tsinghua para intercâmbio de conhecimento técnico; com a Central South University (CSU) para pesquisas científicas em siderurgia de baixo carbono; com a XCMG para desenvolvimento da primeira motoniveladora zero emissão do mundo, um Acordo de Cooperação será assinado com a Baoshan Iron & Steel para a produção de biocarvão e suas aplicações, visando soluções de descarbonização na indústria siderúrgica; dois acordos com instituições bancárias chinesas: um com o Industrial and Commercial Bank of China (o ICBC) e o Bank of China, para cooperação financeira envolvendo linhas de crédito abrangentes para mineração no Brasil e para grandes projetos ao redor do mundo, além de outras parcerias financeiras, especialmente cooperação financeira verde, fortalecendo projetos de energia verde; acordo, da Vale Indonésia, de investimento em projeto com a Tisco e a Xinhai para a construção de uma planta de processamento de níquel RKEF e outras instalações de apoio e por fim, um oitavo acordo com a CCCC South America Regional Company para cooperação na área de transporte ferroviário no Estado do Pará.

A Odebrecht Engenharia e Construção, a Power China e a Sete Partners firmaram parceria para trazer soluções conjuntas a projetos de infraestrutura no Brasil; o Banco BOCOM BBM anunciou sua adesão ao CIPS (China Interbank Payment System), que é a alternativa chinesa ao Swift. O VYP do Brasil e HRH Pharmaceutical assinam acordo para registro e comercialização do Azvudine no Brasil; a ETERC engenharia e CITIC Construction Co., estatal chinesa, celebraram parceria para atuação conjunta em projetos de infraestrutura e no programa de habitação de interesse social no Brasil; a Propav Construções e Montagens e China Hualong firmaram memorando para desenvolvimento conjunto das oportunidades comerciais no Brasil e internacionalmente para exportação de bens e serviços no setor de infraestrutura; A Motrice Soluções em Energia e China Gansu International Corporation for Economic and Technical Cooperation Co., Ltd. (CGICO) assinaram memorando na área de Energias Renováveis, com foco na importação e execução de serviços e investimentos; A Sete Partners e a Sinomec fecharam parceria nas áreas de energia renovável, agricultura e outros setores; a empresa também realizou parceria com a Tianjing Food Group para a criação de uma empresa binacional; a Comexport celebrou acordo com a Furui para a venda de produtos e soluções da empresa no mercado brasileiro; a sucursal brasileira do Industrial and Commercial Bank of China (Brazil) passou a atuar como banco de compensação do RMB no Brasil; a Unifique, que atua no fornecimento de acesso à Internet, telefonia móvel e fixa, TVHD e serviços de data center, e a Zhongxing Telecom Equipment (ZTE) firmou acordo para fortalecer a cobertura da rede 5G na região sul do Brasil; a empresa brasileira BMV global construiu 2 acordos com empresas chinesas para a comercialização de créditos de biodiversidade. Um com a HRH (Chongqing), para promover o comércio e serviço sustentável, e o lançamento da plataforma de comércio de crédito de biodiversidade entre a China e o Brasil. E o segundo acordo com a HRH Pharmaceutical, adquirindo o crédito de biodiversidade como mecanismo de compensação do seu impacto ambiental, e a obtenção do selo de boas práticas ESG - selo BMV de sustentabilidade; a Associação Brasileira de Startups (ABSTARTUPS) e o Centro de Tecnologia e Inovação de Xangai ("Shanghai Technology Innovation Center - STIC) assinaram memorando de entendimento que permitirá desenvolvimento de negócios para startups dos dois países, organização de missões e troca de conhecimento sobre mecanismos de financiamento à inovação e temas regulatórios.

Entre Governo Brasileiro e empresas e instituições chinesas podemos citar os seguintes acordos: O Ministério da Infraestrutura, a ANTAQ e a Autoridade Portuária de Santos assinaram acordo com o Terminal Export COFCO para desenvolvimento do Projeto STS11 no Porto de Santos, um dos mais importantes pólos de exportação do Brasil. A concessão é de 25 anos e a capacidade planejada do projeto é superior a 14 milhões de toneladas.

O Governo do Ceará firmou 3 acordos: 1) O primeiro com a Mingyang Smart Energy Group para o investimento e implantação do centro de tecnologia e reparo de aerogeradores no Estado do Ceará. 2) O segundo com a SPIC, para realização de estudos de viabilidade de projetos na produção de energia eólica onshore e offshore, solar, hidrogênio azul e verde e

combustíveis dentro do Complexo Industrial e Portuário do Pecém. 3) O terceiro com a Gansu Science & Technology Investment Group, para incentivar o desenvolvimento comum de ambas as partes, através de consultas amigáveis e de acordos de princípios básicos de partilha de recursos, vantagens de complementaridade, cooperação “ganha-ganha” e desenvolvimento coordenado.

O Governo do Estado do Rio Grande do Norte assinou acordo com a Associação Sino-Brasileira de Mineração (ASBM) para possibilitar investimentos no setor mineral no estado, incluindo a instalação de um laboratório de gemas para certificação da qualidade e procedência dos minerais preciosos visando a exportação.

A Fundação Osvaldo Cruz assinou dois memorandos.1) O primeiro com o Centro de Excelência CAS-TWAS para Doenças Infecciosas Emergentes da Academia Chinesa de Ciências, que estabelece um laboratório da Fiocruz na Academia Chinesa de Ciências e um laboratório da Academia de Ciências na Fiocruz, para desenvolvimento conjunto de vacinas, diagnósticos e tratamentos, com foco especial em doenças infecciosas.2) O segundo com a Academia Chinesa de Ciências, que fortalece a cooperação entre as duas instituições no campo da ciência e da tecnologia relacionadas à saúde, para promoção de projetos conjuntos, visitas de cientistas, intercâmbio de informação, organização de seminários e publicações de artigos.

A ApexBrasil e a Venture Cup China formalizam parceria para apoiar startups brasileiras a desenvolverem negócios na China, bem como organizar, conjuntamente, a semana da inovação, que terá foco em soluções ligadas à economia verde e de baixo carbono, à sustentabilidade aplicada ao agronegócio e à digitalização. A ApexBrasil e a Beijing Hycore Innovation assinam instrumento de cooperação com o objetivo de apoiar startups brasileiras a estabelecer negócios com a China, no contexto da competição de empreendedorismo e evento global HICOOL 2023. O Ministério de Minas e Energia e a SPIC assinam acordo com o objetivo de realizar estudos de viabilidade para construção e operação de pequenas usinas de energia solar, complementadas por miniturbinas eólicas, baterias e purificadores de água, em áreas remotas da floresta amazônica, com foco em comunidades isoladas.

Considerações Finais

A visita de Lula à China sem dúvida marca, por um lado, um impulsionamento das relações sino-brasileiras e, por outro, o aceleração de mudanças sistêmicas. Os acordos fechados tem profunda relação com o contexto mundial, de 5g à energias renováveis, tais parcerias devolvem nosso país a discutir sérias questões contemporâneas e não nos limitam apenas a ser “o celeiro do mundo”. Outro grande momento foi a decisão de realizar acordos com o renminbi, moeda chinesa. A quebra da hegemonia do dólar, é a representação da crise da hegemonia atual. Nesse quadro de conflagração e reordenamento do poder mundial, a diplomacia brasileira precisa lidar tanto com as oportunidades quanto com os riscos intrínsecos ao atual contexto global.

É inequívoco que a visita reabriu o novo ciclo de parceria, investimentos e acordos. Ainda assim, há setores que o Brasil poderia desenvolver intensificando as relações com a China, notavelmente trens (convencionais, de alta velocidade e metrô) e indústria de semicondutores. Estas são alternativas tanto para o Brasil superar os constrangimentos econômicos e distensionar o quadro político, quanto para acelerar o ingresso do país no século XXI. Nesse aspecto, o eventual ingresso do Brasil na iniciativa intitulada Belt and Road pode representar uma decisão disruptiva não apenas para o país, como para a integração regional e os desfechos das novas configurações de poder globais.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Darlan. **Com recessões e pandemia, PIB do Brasil tem pior década em 120 anos.** G1. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/03/com-recessoes-e-pandemia-pib-do-brasil-t-em-pior-decada-em-120-anos.ghtml>>. Acesso em: 14 maio 2023.

CHINA. Ministry of Foreign Affairs. **President Xi Jinping Speaks with Ukrainian President Volodymyr Zelenskyy on the Phone.** 2021. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/zxxx_662805/202304/t20230426_11066785.html>. Acesso em: 14 maio 2023.

EMPREGO sem carteira assinada bate recorde em 2022, diz IBGE. **GZH.** 2023. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2023/02/emprego-sem-carteira-assinada-bate-recorde-em-2022-diz-ibge-cleohrfxf007d016mmjlxj67b.html>>. Acesso em: 14 maio 2023.

FERRARI, Hamilton. **Taxa de desemprego cai para 9,3% no 2º trimestre.** Poder 360. 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/taxa-de-desemprego-cai-para-93-no-2o-trimestre-diz-ibge/>>. Acesso em: 14 maio 2023.

G1. **Embaixada da China repudia post de Eduardo Bolsonaro que culpa China pelo coronavírus.** G1. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/18/embaixada-da-china-repudia-post-de-eduardo-bolsonaro-que-culpa-china-pelo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 14 maio 2023.

HIRST, M.; MACIEL, T. BRAZIL'S FOREIGN POLICY IN THE TIME OF THE BOLSONARO GOVERNMENT. SciELO Preprints, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4771. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4771>. Acesso em: 14 maio 2023.

IBGE: com 40,1% de informalidade e queda na renda, taxa de desemprego recua. **Brasil de Fato.** 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/06/30/ibge-com-40-1-de-informalidade-e-queda-na-renda-taxa-de-desemprego-recua>>. Acesso em: 14 maio 2023.

MERINO, Gabriel Esteban. Nuevo momento geopolítico mundial: la Pandemia y la aceleración de las tendencias de la transición histórica-espacial contemporánea. 2022.

PAULANI, Leda Maria. **Banco Central, juros e independência – em defesa de Lula.** A terra é redonda. 2023. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/banco-central-juros-e-independencia-em-defesa-de-lula/>>. Acesso em: 14 maio 2023.

POMPEIA, Caio. **O agrobolsonarismo.** Revista Piauí. 2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-agrobolsonarismo/>>. Acesso em: 9 maio 2023.

SILVA, André Luiz Reis da. Entrevista com o Professor Dr. André Luiz Reis da Silva (UFRGS). **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 1, n. 2, p. 19-23, 2013.

STRECKER, Marcos. **As Forças Armadas precisarão reconstruir sua imagem após se associar ao bolsonarismo.** Istoé. 2023. Disponível em: <<https://istoe.com.br/as-forcas-armadas-precisarao-reconstruir-sua-imagem-apos-se-associar-ao-bolsonarismo/>>. Acesso em: 9 maio 2023.

O Lula foi e o Brasil Voltou: A viagem de Lula à China e seus impactos na relação sino-brasileira

Ana Caroline de Sousa Sampaio¹

Arthur Rodrigues Cortez²

João Paulo Araújo Souto³

Luiz Gabriel Ribeiro Locks⁴

Octávio Henrique Alves Costa de Oliveira⁵

¹ Mestranda em Economia Política Internacional no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI/IE/UFRJ). Membro do projeto de extensão "Direito em Sociedade: Debates necessários para entender o direito e o pensamento crítico na sociedade". Membro pesquisadora no Grupo de Pesquisa Nova Economia do Projetamento - UERJ. Participante do GECHINA, como coordenadora acadêmica. carolsampaio93@gmail.com

² Graduando em História pela Universidade de Brasília. (UnB). Participante do GECHINA, como coordenador-chefe da Coordenação Acadêmica. arthur.r.cortez@gmail.com

³ Graduando em arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do grupo de pesquisa Indisciplinar, pelo programa Ind.Lab, atuando no projeto de extensão "Geopolítica e Cidades" e "Plataformas tecnopolíticas". Participante do GECHINA, como coordenador acadêmico. joapaulosouto@outlook.com

⁴ Mestrando em História, Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR). Participante do GECHINA, como coordenador acadêmico. lgabriellolocks@gmail.com

⁵ Doutorando no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI / PUC-Rio). Membro da curadoria de História da China na Coordenadoria de Estudos da Ásia (CEASIA) da UFPE; da Rede Relações Internacionais e Marxismo (RIMA); da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI); pesquisador associado no Núcleo de Estudos Internacionais Brasil-Argentina (NEIBA) pela UERJ; e do Grupo de Estudos sobre os BRICS (GEBRICS) da USP. Participante do GECHINA, como coordenador acadêmico. octavioco98@gmail.com

INTRODUÇÃO

A ida do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, a quarta viagem internacional a cargo de seu terceiro mandato, tratou-se de um marco para as relações sino-brasileiras, que enfrentaram um tom combativo e agressivo durante a administração Bolsonaro, incluindo episódios de xenofobia e desgaste diplomático causado por parlamentares. Ao mesmo tempo, constituiu o apogeu de uma movimentação política, começada antes mesmo da posse na COP 27, que visa retornar o Brasil a sua posição de relevância no cenário internacional e a normalização da diplomacia brasileira, marcada por um tom independente. Para além do cerimonial do encontro entre os chefes de Estado, a visita despertou o interesse de observadores nacionais e internacionais em uma vasta gama de assuntos, tanto no que diz respeito a cooperação econômica entre ambos os países - visto que a China é a maior parceira comercial do Brasil - quanto a temas sensíveis a cooperação internacional, como a Guerra na Ucrânia e os BRICS.

O voto brasileiro na resolução da ONU sobre a Guerra na Ucrânia é um elemento que caracteriza essa independência brasileira, ao não se abster junto aos demais países BRICS mas, diferentemente de outros países aliados à Ucrânia, se recusou a enviar munições para os ucranianos, visando não participar da guerra direta ou indiretamente, tampouco se alinhando a um paradigma americanista. Apesar da própria realização desta viagem ser uma grande vitória para a diplomacia brasileira per se, como o professor Evandro Carvalho (FGV-Rio) analisa, o governo brasileiro ainda peca clareza e preparo no alcance dos seus objetivos estratégicos, mesmo porque esses não foram explicitamente definidos ou ao menos divulgados. Desta forma, Túlio Cariello (CEBC) aponta que esta viagem tem um significado mais político, de reintroduzir o país aos chineses.

A viagem, a convite do presidente chinês Xi Jinping, foi anunciada no dia 17 de março originalmente para acontecer entre os dias 26 e 31 de março, mas infelizmente teve de ser adiada devido ao quadro de pneumonia do mandatário brasileiro. Esses novos ares de incerteza não diminuíram as expectativas da visita que prometia um aprofundamento dos laços econômicos e decisões políticas importantes. Como dito pela ministra adjunta de Negócios Estrangeiros da China e também porta-voz do Ministério de Relações Internacionais chinês, Hua Chunying, em sua página do Twitter, o Brasil e China em meio a sua parceria bilateral “tem formado um grande exemplo de solidariedade, cooperação e desenvolvimento comum entre os países em desenvolvimento”, e a visita trataria de elevar os laços entre ambos os países a um “novo patamar”.

Havia a expectativa de que mais de 20 acordos entre as duas nações sejam negociados, de cooperação econômica à transferência de tecnologia. Inicialmente a demanda brasileira era na casa de 30, mas os chineses pediram que a lista fosse enxugada. Como do aguardado

lançamento da produção da 6ª geração de satélites sino-brasileiros, dando gás à iniciativa que já se desenvolve desde os anos 80. A ampliação das exportações do agronegócio ao gigante asiático e o suporte na transição energética brasileira também estão no centro das negociações.

Não obstante, a pauta mais aguardada da viagem, e que gerou maior repercussão internacional foi a questão da desdolarização comercial entre os dois países. Espera-se que o acordo que facilite operações diretas entre Yuan e o Real saia do papel a partir das negociações políticas de Lula e Xi. Essa medida já movimentou opiniões por todo o tabuleiro global, pois, desde a guerra da Ucrânia a participação do Yuan nas transações internacionais vem ganhando destaque em detrimento do dólar.

COROLÁRIOS DA VIAGEM



CHEGADA DO PRESIDENTE LULA À CHINA. Fonte: Ricardo Stuckert / PR.

Após a melhora de seu quadro de saúde, Lula finalmente pode embarcar rumo a sua aguardada visita oficial à China no dia 11 de abril, com uma programação encurtada devido ao reagendamento, estendendo-se apenas até a sexta-feira, dia 14. Em entrevista concedida ao programa “A Voz do Brasil”, a última antes de seu embarque, Lula afirmou que tem como objetivo consolidar a relação entre os dois países e construir uma parceria com os chineses que leve a novos investimentos chineses dentro do país. Ademais, o presidente brasileiro também expressou seu intuito de convidar o presidente Xi Jinping para visitar o Brasil. A comitiva presidencial também foi mais enxuta do que inicialmente divulgado, contando com 40 autoridades para auxiliar nos diálogos econômico-diplomáticos entre as duas nações, além de

diversos representantes do setor privado que totalizaram cerca de 73 pessoas. Entre os convidados ilustres figuraram: o presidente do senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG); 8 ministros e ministras de pastas estratégicas do governo, única esfera da comitiva que foi incrementada uma vez que teriam sido apenas 5 em março; os governadores da Bahia, Ceará, Maranhão, Pará e Rio Grande do Norte; 19 deputados federais representantes de 10 estados; e com outros 8 senadores.

Na quinta-feira (13), Lula abriu sua agenda participando da cerimônia de posse da ex-presidenta Dilma Rousseff na presidência do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), o qual ela mesma auxiliou a criar ainda em 2014. O evento aconteceu em Xangai, principal centro financeiro da China. Com uma nova sede inaugurada recentemente, o NBD promete mobilizar novas oportunidades de investimentos entre os países-membros que compõem o BRICS. O banco surge como uma nova alternativa de financiamento ao Sul Global, competindo com o FMI, BID e Banco Mundial. Em 2021, o NBD aprovou investimentos para a realização de mais de 80 projetos, com foco na produção de energia verde, saneamento ambiental e água potável. Após a cerimônia, o presidente deve continuar em Xangai para participar de encontros empresariais.

Contudo, as atenções estavam voltadas para o dia seguinte, quando aconteceu o tão aguardado encontro de Lula com Xi Jinping. Pela manhã, o presidente ainda encontrou-se com Zhao Leji, presidente da Assembleia Popular Nacional, enquanto que à tarde, Xi Jinping e Li Qiang, primeiro-ministro da China, receberam Lula em uma cerimônia no Grande Palácio do Povo para depois dar início às reuniões bilaterais.



ENCONTRO DOS PRESIDENTES LULA E XI JINPING. Fonte: Ricardo Stuckert / PR.

Para os chineses, o objetivo é garantir sua autossuficiência em setores chave para sua economia e segurança alimentar, como é o caso dos semicondutores e a agropecuária, sobretudo a produção bovina e de grãos. Para o governo brasileiro, diz respeito à busca de melhores termos de negociação, diversificação da sua pauta exportadora, proteção do mercado interno e obtenção de cooperação tecnológica e infraestrutura, sobretudo a possível entrada brasileira na Nova Rota da Seda. A Guerra da Ucrânia também estará na mesa, e Lula tentará convencer Xi a fazer parte de um “G20 da paz”, um grupo de países negociadores com o intuito de selar a paz entre os dois lados. Este é, de longe, o maior evento da diplomacia brasileira em anos. Os olhos do mundo estarão atentos às conversas entre os líderes de duas das maiores potências do Sul Global.

RENMIMBI E ACORDOS BILATERAIS

Ao final da viagem, o governo brasileiro celebrou 20 acordos comerciais⁶ entre empresas e entes públicos chineses. Somados, os acordos atingem a cifra de R\$ 50 bilhões em investimentos, de acordo com o Ministério da Fazenda. Vale ressaltar o grau de coesão entre diferentes ministérios dos dois países, tendo 8 Memorandos de Entendimento (MoUs)

⁶ Ver Anexo A.

envolvendo os Ministérios da Fazenda; Ciência, Tecnologia e Inovação; Comunicações; Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar; Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços; e Relações Exteriores. No nível subnacional, destaque para o Governo do Ceará, que firmou 7 acordos nas áreas de cooperação tecnológica e energias renováveis. Além destes acordos, foram também firmados acordos envolvendo empresas privadas de ambos os países, incluindo gigantes como a Vale, Suzano, JBS, Odebrecht, dentre outras.

O principal destaque dentre os resultados da viagem é o acordo fechado entre Brasil e China para realizar comércio em moeda local, contornando o dólar. A importância diz respeito não só na diminuição do custo de transação comercial – visto que a China é o maior parceiro comercial do Brasil desde 2009 – e risco cambial, mas também é interessante para o Brasil se aproximar dos chineses através de empréstimos mutuamente estratégicos, especialmente para o Brasil, que precisa impulsionar sua reindustrialização, recuperação econômica e setor de ciência e tecnologia. Ademais, a criação de uma câmara de compensação é pensada ainda para possibilitar que não só as transações comerciais entre os dois países sejam feitas sem o dólar, mas também que os empréstimos da China ao Brasil ocorram da mesma forma.

Outros aspectos importantes precisam ser considerados nessa mudança de relação bilateral. O primeiro deles é uma possível adesão brasileira à Belt and Road Initiative (BRI). O segundo diz respeito ao fortalecimento da participação do Brasil no BRICS, especialmente com Dilma Rousseff sendo a nova presidente do NBD (banco dos BRICS), instituição que possui cerca de um quarto dos seus investimentos em projetos estruturais do seu portfólio transacionados em moedas locais, além de emitir títulos de dívida que operam sob estas condições. Este cenário de multipolarismo monetário é uma realidade cada vez maior no mundo, reflexo das transformações em curso desde a crise de 2008 e a expansão de órgãos como o BRICS, o chamado “BRICS+”. O Brasil não é o primeiro país a operar em yuan, países como a Rússia e empresas como a petroquímica francesa TotalEnergies, que vende gás dos Emirados Árabes, tem histórico de negociações com os chineses sob essas condições.

A internacionalização do Renminbi causa enorme preocupação para os EUA. O Senador Marco Rubio, do partido republicano pela Flórida, falou em um programa da Fox News que Brasil e China estão “criando uma economia secundária no mundo, totalmente independente dos EUA”, alertando que “Não teremos que falar sobre sanções em 5 anos, porque haverá tantos países transacionando em outras moedas além do dólar, que não teremos a capacidade de sancioná-los.” O próprio ex-presidente Donald Trump estendeu o alarme, dizendo “A nossa moeda está quebrando e em breve não será mais o padrão mundial. O que será nossa maior

derrota, francamente, em 200 anos, não haverá derrota como esta. O que nos afastará de ser, mesmo uma grande potência.”

Este recente e crescente cenário de adesão ao Renmimbi ganha um novo escopo e importância para as economias em desenvolvimento. Consequentemente, os EUA assistem, por um lado, a inserção chinesa no maior país da sua histórica zona direta de influência, e por outro, a diminuição da sua capacidade de controle geopolítico por meio da coerção financeira. Responsável por incontáveis crises desde o último século, os chineses estão conseguindo, paulatinamente, desarmar a maior bomba jamais criada: a bomba-dólar.

CONCLUSÃO

O tom das conversas entre líderes e representantes de ambos os países, bem como os acordos firmados, são de fundamental importância não somente para o Brasil, que possui deficiências em setores estratégicos como infraestrutura e tecnologia, mas para a própria resiliência e oxigenação das relações entre as duas nações. Após um período de abrupto arrefecimento das relações, o Brasil volta a lograr e exercer um título desta parceria que foi acordado em 2012, o de parceiro estratégico abrangente.

Por *parceria* entende-se a um instrumento diplomático que permita o alcance de objetivos comuns, envolvendo a cooperação e colaboração dos envolvidos (NADKARNI, 2010: 46, grifo nosso); por *estratégica* adjetivo que qualifica a parceria, confere à identificação de objetivos relevantes de longo prazo e a existência de interesses e meios para alcançá-los (FARIAS, 2013: 24-25, grifo nosso). Sob a ótica de Beijing, a parceria estratégica conota a aceitação mútua dos estados parceiros entre si e para o mundo em geral, sinalizando a vontade política de reconhecer a ascensão legítima da China, de administrar áreas de desacordo, melhorando constantemente o quadro geral bilateral relacionamento e, se possível, melhorar a coordenação na promoção suas preferências comuns no sistema internacional (DENG, 2008: 128). Por *abrangente* significa que a cooperação deve ser multidimensional, abrangente e com múltiplas camadas, atingindo os campos econômico, científico, tecnológico, político e cultural, contendo os níveis bilateral e multilateral, sendo conduzida por governos e organizações não governamentais (SCMP, 2016, grifo nosso).

Não são todos os países do mundo os quais a China possui uma parceria estratégica, na verdade, pouco mais de um terço do mundo tem uma relação caracterizada como de “parceria” com a China. Destes, apenas metade possui o título de parceiro estratégico abrangente, o que confere ao Brasil uma posição de enorme prestígio e barganha para com os chineses. Os acordos assinados denotam a complexidade e diversidade preterida pelo título de *abrangente*. A retórica do presidente Lula e sua defesa a postura chinesa no conflito entre Rússia e Ucrânia,

mostram a sintonia entre as agendas, materializando o sentido *estratégico* desta *parceria*, que inclui o alcance de objetivos de desenvolvimento comuns.

Para Xi, o retorno do Brasil à cena internacional é o preenchimento necessário, através da figura do Presidente Lula, do vácuo de liderança do Sul Global criado desde o início da gestão Bolsonaro. É o reencontro com um parceiro recentemente omissos, historicamente fundamental para os interesses chineses, desde seu apoio à entrada da China na OMC em 2001, até a co-criação dos BRICS.

Para o Brasil, em um período pós-pandêmico, a China representa enormes desafios pelas assimetrias inerentes nesta relação. Contudo, as potencialidades desta parceria são indispensáveis para o alcance dos objetivos estratégicos brasileiros. Para Lula, no momento presente, esta é uma oportunidade histórica de aproveitar a sua 'equidistância pragmática', entre EUA e China para obter 'a sua CSN', como Vargas o fez.

Referências

AFP. *China anuncia reunião de Lula com Xi Jinping: "Início de uma nova era"* | Mundo | O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/03/china-anuncia-reuniao-de-lula-com-xi-jinping-inicio-de-uma-nova-era.ghtml>. Acesso em: 2 maio. 2023.

BRASIL. *Presidente Lula visita China con delegación récord de empresarios*. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/es/ultimas-noticias/presidente-lula-visita-china-con-delegacion-record-de-empresarios>. Acesso em: 2 maio. 2023.

CALAZENÇO, L. *Lula monta comitiva para viagem à China no final de março*. Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/lula-monta-comitiva-para-viagem-a-china-no-final-de-marco/284171/>. Acesso em: 2 maio. 2023.

CERVO, A. L. *Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros*. São Paulo: Saraiva, 2009.

CYPRUS DIGEST. *Brazil: Lula will visit China with 240 business representatives* Cyprus Digest, 17 mar. 2023. Disponível em: <https://cyprus-digest.com/brazil-lula-will-visit-china-with-240-business-representatives/>. Acesso em: 2 maio. 2023.

DENG, Y. *China's struggle for status: the realignment of international relations*. Cambridge [England]: Cambridge University Press, 2008.

HAWKINS, A.; KWAN, R. Honduras to switch ties from Taiwan to China, says president. *The Guardian*, 16 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2023/mar/15/honduras-to-switch-ties-from-taiwan-to-china-says-president>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

HUA CHUNYING 华春莹 [@SPOKESPERSONCHN]. *China and Brazil are both major developing countries & important emerging markets and each other's comprehensive strategic partners. China-Brazil ties are a good example for major developing countries pursuing joint development through solidarity & cooperation.* Twitter, 17 mar. 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/SpokespersonCHN/status/163663162989991171>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

IBRACHINA. *China é o maior parceiro comercial de 14 Estados brasileiros* *ibrachina*, 28 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.ibrachina.com.br/china-e-o-maior-parceiro-comercial-de-14-estados-brasileiros/>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

NADKARNI, V. *Strategic partnerships in Asia: balancing without alliances*. London ; New York: Routledge, 2010.

NASSIF, L. *O futuro do Brasil na visita de Lula à China, por Luis Nassif*. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/coluna-economica/o-futuro-do-brasil-na-visita-de-lula-a-china-por-luis-nassif/>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

PODER 360. *Ao vivo: Poder360 entrevista o professor da FGV Evandro Menezes de Carvalho*. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/ao-vivo-poder360-entrevista-o-professor-da-fgv-evandro-menezes-de-carvalho/>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

SAAD, Carlos. *Quem está na enorme comitiva que vai acompanhar Lula à China* | VEJA. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/quem-esta-na-enorme-comitiva-que-vai-acompanhar-lula-a-china/>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

SACKS, David. *Countries in China's Belt and Road Initiative: Who's In And Who's Out*. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/countries-chinas-belt-and-road-initiative-whos-and-whos-out>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

SANCHES, M. *Como Brasil e China pretendem fechar negócios sem usar dólar americano*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0wgqne0zk2o>>. Acesso em: 11 maio. 2023.

SANT'ANNA, L. *Pela primeira vez, China e empresa ocidental fecham acordo com pagamento em yuan*. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/pela-primeira-vez-china-e-empresa-ocidental-fecham-acordo-com-pagamento-em-yuans/>>. Acesso em: 11 maio. 2023.

SCMP. *Quick guide to China's diplomatic levels*. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy-defence/article/1903455/quick-guide-chinas-diplomatic-levels>>. Acesso em: 1 maio. 2023.

SOARES, Ingrid. *Lula desembarca na China no domingo; comitiva vai aos Emirados Árabes*. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/03/5082466-lula-desembarca-na-china-no-domingo-comitiva-vai-aos-emirados-arabes.html>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

TAM, A. *Brazil's Lula to visit China late March - RTHK*. Disponível em: <<https://news.rthk.hk/rthk/en/component/k2/1692420-20230317.htm?>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

THE OBSERVATORIAL. *Brazilian President Lula meets Xi Jinping during a visit to China* *The Observatorial*, 2023. Disponível em: <<https://observatorial.com/news/world/308074/brazilian-president-lula-meets-xi-jinping-during-a-visit-to-china/>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

VIDAL, I. *China e Brasil fecham acordo para abandonar dólar dos EUA nas relações comerciais*. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/global/chinaemfoco/2023/3/30/china-brasil-fecham-acordo-para-abandonar-dolar-dos-eua-nas-relaes-comerciais-133579.html>>. Acesso em: 11 maio. 2023.

WANG, A. *Argentina's entry to belt and road is a win for China in Latin America*. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3166744/argentina-signs-chinas-belt-and-road-beijing-finds-itself-new>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

Anexo A - Acordos firmados na visita do Presidente Lula à China em abril de 2023

1. Memorando de entendimento sobre o grupo de trabalho de facilitação de comércio entre o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços da República Federativa do Brasil e o Ministério do Comércio da República Popular da China;

2. Protocolo complementar sobre o desenvolvimento conjunto do CBERS-6 entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China ao “acordo-quadro sobre cooperação em aplicações pacíficas de ciência e tecnologia do espaço exterior entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China”;
3. Memorando de entendimento sobre cooperação em pesquisa e inovação entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação da República Federativa do Brasil e o Ministério da Ciência e Tecnologia da República Popular da China;
4. Memorando de entendimento entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação da República Federativa do Brasil e o Ministério da Indústria e Tecnologia da Informação da República Popular da China sobre cooperação em tecnologias da informação e comunicação;
5. Memorando de entendimento entre o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços da República Federativa do Brasil e a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da República Popular da China para a promoção do investimento e cooperação industrial;
6. Memorando de entendimento sobre o fortalecimento da cooperação em investimentos na economia digital entre o Ministério do Comércio da República Popular da China e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços da República Federativa do Brasil;
7. Memorando de entendimento (“MDE”) entre o Ministério da Fazenda do Brasil e o Ministério das Finanças da China;
8. Memorando de entendimento sobre cooperação em informação e comunicações entre o Ministério das Comunicações da República Federativa do Brasil, a Agência Nacional de Telecomunicações da República Federativa do Brasil e o Ministério da Indústria e Tecnologia da Informação da República Popular da China;
9. Acordo de coprodução televisiva entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China;
10. Memorando de entendimento entre Grupo de Mídia da China e Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República Federativa do Brasil;
11. Acordo de cooperação entre Agência de Notícias Xinhua e Empresa Brasil de Comunicação;
12. Memorando de entendimento entre o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar da República Federativa do Brasil e o Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais da República Popular da China na cooperação para o desenvolvimento social e rural e combate à fome e à pobreza;

13. Plano de cooperação espacial 2023-2032 entre a Administração Espacial Nacional da China e a Agência Espacial Brasileira;
14. Plano de trabalho Brasil-China de cooperação na certificação eletrônica para produtos de origem animal;
15. Protocolo entre o Ministério da Agricultura e Pecuária da República Federativa do Brasil e a Administração-Geral de Aduanas da República Popular da China sobre requisitos sanitários e de quarentena para proteína processada de animais terrestres a ser exportada do Brasil para a China.
16. O Ministério da Infraestrutura, a Antaq (Agência Nacional de Transportes Aquaviários) e a Autoridade Portuária de Santos assinaram acordo com o Terminal Export COFCO para desenvolvimento do Projeto STS11 no Porto de Santos. A concessão é de 25 anos e a capacidade planejada do projeto é superior a 14 milhões de toneladas.
17. Ministério de Minas e Energia e a SPIC (State Power Investment Corporation) assinaram acordo para realizar estudos de viabilidade para construção e operação de pequenas usinas de energia solar, complementadas por miniturbinas eólicas, baterias e purificadores de água, em áreas remotas da floresta amazônica, com foco em comunidades isoladas.
18. o governo do Ceará firmou 7 acordos: com a Mingyang Smart Energy Group para o investimento e implantação do centro de tecnologia e reparo de aerogeradores no Estado do Ceará; com o Grupo Internacional Powerchina para o investimento e implementação da central de energia renovável e hidrogênio verde no Estado; com a SPIC, para realização de estudos de viabilidade de projetos na produção de energia eólica, solar, hidrogênio azul e verde e combustíveis dentro do Complexo Industrial e Portuário do Pecém; com a Gansu Science & Technology Investment Group, para “incentivar o desenvolvimento comum de ambas as partes”; com a Envision Energy International Trading Limited para o investimento na produção de tecnologias voltadas à transição energética no Ceará; com a Boc International Holdings Limited para estudar em conjunto potenciais colaborações comerciais e financeiras com empresas cearenses e chinesas; com a Huawei do Brasil, para viabilização de cooperação tecnológica e realização de estudos de viabilidade para investimentos no Estado.
19. Apex-Brasil e a Venture Cup China formalizaram parceria para apoiar startups brasileiras a desenvolverem negócios na China, bem como organizar uma semana da inovação, que terá foco em soluções ligadas à economia verde e de baixo carbono, à sustentabilidade aplicada ao agronegócio e à digitalização.
20. A Apex-Brasil e a Beijing Hycore Innovation assinaram instrumento de cooperação com o objetivo de apoiar startups brasileiras a estabelecer negócios com a China, no contexto da competição de empreendedorismo e evento global HICOOL 2023.

Repercussão Internacional

Cristina Ferreira¹

Introdução

A histórica viagem de Lula à China gerou inúmeras repercussões na mídia internacional. A Guerra na Ucrânia, o processo em curso de desdolarização, e a crescente multipolarização global foram motivos de comemorações e aflições mundo afora. Trata-se de uma relação multidimensional com implicações profundas para as principais regiões do globo. Percebe-se uma clara aproximação entre países e regiões parceiras em relação à viagem, como a Argentina, que pretende entrar para os BRICS, e a África, região de grande interesse dos investimentos chineses e que teve grande interlocução no primeiro e segundo governo Lula. Olhando para as repercussões midiáticas em jornais regionais, estes padrões se tornam mais evidentes.

América Latina

A América Latina foi uma região que ganhou destaque durante a viagem. A Argentina, proponente a entrar nos BRICS, foi um dos países mais interessados nela. Dias antes da viagem à China, o Brasil e a Argentina oficializaram seu retorno a Unasul mostrando uma tentativa de alinhamento e integração entre os países, bem como na América Latina. O jornal argentino Clarín cobriu a viagem em dois artigos, destacando os acordos fechados na China e a retórica de que o Brasil retornou ao cenário internacional. Em destaque, o artigo “Lula da Silva criticou ao FMI por asfixiar a economia argentina” destaca a fala do presidente defendendo o comércio entre os países e suas moedas nacionais, sem passar pelo dólar e reivindicando, segundo o jornal, ao Banco dos Brics, uma forma de independência em relação a órgãos financeiros tradicionais como o FMI. Esse é um tópico sensível na política argentina que demonstrou no ano

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID). Bacharela em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do GECHINA na coordenação de RH. crislalune@gmail.com

passado interesse em aderir aos BRICS e também pelo seu longo histórico de dependência do FMI, sendo que em 2022 a Argentina refinanciou com o FMI 45 bilhões de dólares em dívidas.

O Uruguai, outro país não membro dos BRICS – porém membro recém aceito do Banco dos BRICS –, também repercutiu a viagem. O jornal uruguaio ‘El Observador’ publicou quando da chegada do presidente Lula e a Primeira-Dama Janja com a chamada “*Brasil está ‘de vuelta’ dijo Lula al iniciar su visita a China para hablar de Ucrania e inversiones*” (Em livre tradução: O Brasil está de volta, disse Lula, ao iniciar sua visita à China para falar de Ucrânia e investimentos). A expectativa da publicação, realizada no dia 13 de abril, denota uma atenção do mundo após o encontro, na Rússia, entre Vladimir Putin e Xi Jinping, colocando a guerra da Ucrânia como assunto de relevo, uma vez que tanto Brasil quanto China têm interesse em assumir o protagonismo na mesa de negociações. Reiterando o discurso no Banco dos BRICS, o jornal destacou uma fala na qual o presidente posiciona o importante papel a cumprir do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) como ferramenta de diminuição das desigualdades sociais nos países em desenvolvimento.

O discurso de Lula no Banco de Desenvolvimento dos BRICS chamou a atenção do mundo, onde o presidente questiona a dependência das negociações globais em dólar e a própria decisão de colocar o dólar como moeda de lastro quando o ouro saiu de cena. Esta fala ocorre em um momento chave nas relações financeiras sino-brasileiras, onde foi assinado um memorando de cooperação entre o Banco Central do Brasil e o Banco da China, permitindo transações comerciais em Renminbi (RMB), facilitando trocas e investimentos entre os países e reduzindo o risco cambial.

África

Olhando para as repercussões na África, a imprensa local da Nigéria – outro proponente a entrar no BRICS – o jornal ‘Vanguard’ noticiou a presença do presidente brasileiro em solo chinês, destacando sua fala sobre o incentivo dos EUA à Guerra da Ucrânia, além de caracterizar o política externa brasileira como ousada, desafiando os EUA e declarando as relações com a China como inegociáveis, não estando passíveis à pressão norte-americana. Para o jornal nigeriano, tanto China quanto Brasil buscam liderança nas negociações de paz sobre a Guerra da Ucrânia, posto que ambos os países rejeitam sanções diretas à Rússia. Além disso, enxergam

com preocupação a posição do presidente Lula em buscar balanço entre os laços com o presidente Biden, a quem Lula visitou em janeiro, e o presidente Xi Jinping.

China

Os jornais chineses, por sua vez, descrevem Lula como um “velho amigo”, vendo com bons olhos as possibilidades que a visita do presidente brasileiro representa para o país. De acordo com Niu Haibin, diretor do Instituto Shanghai de Estudos de Política Internacional, os acordos bilaterais entre os dois países servirão não apenas no campo econômico, mas também dentro do campo de governança, no qual a China tem profundo interesse em projetar sua voz no cenário internacional. Consultado pelo jornal, ele acredita que o posicionamento do Brasil em relação aos BRICS para com a China servirá também como ponte política nas relações entre China e EUA, considerando o desejo da presidência do Brasil de manter boas relações tanto com Washington quanto com Pequim.

Europa

O editorial *‘Lula en China’* do jornal espanhol El País remonta a recuperação da diplomacia brasileira no sentido de reparar estragos feitos pelo isolamento da gestão anterior, tida como extremista e negacionista das mudanças climáticas. Por outro lado, observam que a China também está em um movimento de se reorganizar diplomaticamente, após suas severas políticas de fronteiras em face a COVID nos últimos por três anos. Nesse sentido, o jornal vê como oportuna a visita de Lula coincidir com a cerimônia oficial de posse de Dilma Rousseff no Banco dos BRICS. O periódico destaca a importância da instituição, analisada como alternativa às instituições financeiras ligadas aos EUA, e compara as diferenças entre a visita de Lula a Washington e Pequim, onde a visita aos norte-americanos foi muito mais breve e modesta do que aos chineses.

A publicação do jornal francês *‘Le Monde’*, realizada após o última dia de viagem do presidente Lula, também é outra que destaca as transações comerciais feitas utilizando o RMB, ameaçando a hegemonia estadunidense do dólar e aponta que o aprofundamento da cooperação entre Brasil e China têm um forte sentido de se livrar de regras injustas e alcançar um desenvolvimento mais equilibrado, driblando as instituições financeiras tradicionais. Ao mencionar o NDB.

A britânica Reuters destacou a fala do presidente Xi Jinping sobre as relações diplomáticas com o Brasil como uma prioridade, incentivando o aprofundamento da cooperação bilateral em setores como agricultura, energia e infraestrutura. Também ganhou destaque o entendimento entre os países na tentativa de viabilizar a questão dos semicondutores. O artigo analisa a possibilidades de uma instalação futura de uma fábrica de semicondutores no Brasil, mas omite a tensão entre Estados Unidos e China na questão dos semicondutores. Desde outubro de 2022, operam restrições às exportações de semicondutores aos chineses sob alegações de segurança, as quais atingiram, por exemplo, a Huawei, visitada por Lula. “Ninguém irá proibir o Brasil de ter relações com a China”, disse o presidente brasileiro, e ao citar essa fala de Lula, o periódico aponta a atual relevância desta parceria comercial, pois os EUA foram ultrapassados pela China ainda em 2009 como maiores parceiros comerciais do Brasil. A respeito da guerra na Ucrânia ressaltam que ambos os presidentes concordam que o diálogo e as negociações são a única forma de se encerrar a guerra. Apesar da chamada trazer a Guerra da Ucrânia no título, o texto discorre muito brevemente sobre o assunto, pois não houve grandes desenvolvimentos entre os dois países sobre a situação da guerra.

No mesmo dia, a Reuters também divulgou o artigo intitulado “Lula busca tecnologia chinesa para o Brasil e rejeita ‘preconceitos’”, voltado para análises sobre acordos na área de tecnologia. É reiterado o interesse na busca por semicondutores e tecnologia, deixando de lado as preocupações que o Ocidente teria com questões de segurança e relação a China, subentendendo-os à liderança dos Estados Unidos, tratando o ‘Ocidente’ como bloco hegemônico e uníssono dentro da dicotomia Ocidente x Oriente. Mais uma vez a fala de Lula “ninguém vai proibir que o Brasil aprimore sua relação com a China” aparece de forma emblemática, além da citação do presidente na sua visita à Huawei sobre o desejo de demonstrar ao mundo que o Brasil não tem preconceito contra os chineses, mensagem que repercutiu como um recado aos Estados Unidos e o Ocidente.

Entre os acordos tecnológicos, o texto aponta a cooperação na construção de um satélite para monitoramento do desmatamento na Amazônia, outra questão importante considerando que o Brasil não obteve grandes ganhos com a visita de Lula à Joe Biden, em Fevereiro de 2023, pedindo mais investimentos para o Fundo Amazônia. Na verdade, tal apoio só ocorreu no dia 20 de abril, na ocasião do fórum sobre o clima e energia das principais

economias do mundo, no qual foi revelado o pedido por ele feito ao congresso dos EUA de liberar uma verba de US\$ 500 milhões para o fundo (G1, 2023).

Nesse texto a questão do banimento de produtos chineses aparece, embora não seja citada diretamente a Huawei, que foi uma das empresas atingidas pelas sanções. O jornal afirma que apesar das preocupações no Ocidente, o Brasil está disposto a estabelecer cooperações na área de tecnologia e deixa implícito que o Brasil estaria ignorando riscos de segurança inerentes. O conselheiro pessoal de Lula, ex-ministro Celso Amorim, em entrevista à Reuters em Março, período no qual o presidente Lula precisou adiar a viagem por motivos de saúde, teria afirmado que o Brasil não vetaria a construção de uma fábrica de semicondutores chinesa em território nacional. Sobre a administração de Bolsonaro na era Trump, houve pressão por parte dos Estados Unidos para que o Brasil banisse a tecnologia 5G e a Huawei, porém os investimentos de empresários brasileiros previamente realizados no setor gerou embates entre diferentes forças envolvidas e estas não permitiram efetivar o banimento da tecnologia chinesa.

EUA

A frase “ninguém vai proibir o Brasil de aprimorar suas relações com a China” ficou tão marcada que virou título de artigo no Washington Post - “*Lula tells Xi ‘nobody can stop Brazil-China relationship’*”. No texto, é destacado o papel da diplomacia chinesa em receber chefes de Estado e representantes de diversos países logo após a reabertura chinesa do pós-pandemia de COVID-19, tal qual a França de Emmanuel Macron, que retornou ao seu país levantando dúvidas sobre a posição europeia a respeito da relação EUA-Taiwan. Contudo, este assunto não foi mencionado uma única vez durante a passagem do presidente brasileiro pela China. O artigo observa que há uma tentativa de reparar, por parte da diplomacia brasileira, alguns danos feitos pelo governo antecessor, lembrando as boas relações que o presidente Lula estabeleceu com a China em seus mandatos anteriores, justificando a visão chinesa de encarar o Brasil como uma prioridade diplomática. Como tem sido amplamente divulgado na China, o país considera Lula um ‘velho amigo’, e apoia o desejo brasileiro de ter um papel maior nas Nações Unidas, bem como uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU. Segundo Vasquez, especialista do BRICS Research Studies na Universidade Fudan de Shanghai, o Brasil está não apenas buscando parcerias para atingir objetivos econômicos e comerciais, mas também nos campos de tecnologia e sustentabilidade.

Por fim, o artigo destaca as intenções ambiciosas quanto às trocas entre Brasil e China sem passar pelo dólar, e como isso pode incentivar vizinhos da América Latina a seguirem esse caminho. Muitos países latino americanos possuem débitos bilionários com instituições financeiras norte-americanas, tendo interesse em observar o desenvolvimento da chamada 'desdolarização'.

Evidentemente, as transações não substituirão o dólar imediatamente - e talvez nunca o substituirão totalmente -, mas a abertura de possibilidades alternativas ao dólar abre um precedente para propostas de um mundo multipolarizado no âmbito monetário. Estaria o mundo, de fato, virando as costas para os Estados Unidos? Esse é o questionamento e artigo de opinião publicado no dia 24 de Abril pelo New York Times, onde tentam entender de onde saiu o termo 'multipolaridade', observando ecos da Guerra Fria no questionamento à aliança irrestrita aos EUA. Movimentações brasileiras como os próprios posicionamentos públicos do presidente Lula sobre a a parcerias com os chineses, e a recusa em sancionar a Rússia, estão no centro de uma tese de Nova Guerra Fria, na qual o crescimento chinês gera um mundo bipolarizado.

Estas repercussões globais mostram o tamanho da importância e peso que o Brasil possui no Sistema Internacional. Se trata de uma viagem paradigmática, com repercussões regionais, locais e sistêmicas até mesmo para países que não são diretamente envolvidos na relação Brasil-China. Enquanto os temores do ocidente representam um desafio concreto para a solidificação desta relação, às repercussões positivas de países do Sul Global, mesmo àqueles que disputam liderança regional - como a Argentina -, demonstra a crescente percepção de um mundo crescentemente multi - ou bi - polarizado, no qual a ascensão chinesa, desde que em sintonia com projetos nacionais locais, possibilita o vislumbre de novos ares para além da hegemonia vigente.

Referências

CLARÍN. *Brasil está “de vuelta”: Lula da Silva marca presencia en el inicio de su visita oficial a China.* Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/brasil-vuelta-lula-da-silva-marca-presencia-inicio-visita-oficial-china_0_D40V45o08K.html. Acesso em: 5 maio. 2023a.

CLARÍN. *Lula da Silva criticó al FMI por “asfixiar” la economía de la Argentina*. Disponível em: <https://www.clarin.com/economia/lula-da-silva-critico-fmi-asfixiar-economia-argentina_0_LkIU npgRbA.html>. Acesso em: 5 maio. 2023b.

CLARÍN. *Visita oficial: Xi Jinping recibe con máximos honores a Lula y afirma que China “abrirá nuevas oportunidades para Brasil”*. Disponível em: <https://www.clarin.com/mundo/visita-oficial-xi-jinping-recibe-maximos-honores-lula-afirma-china-abrira-nuevas-oportunidades-brasil_0_ONi8MmCBal.html>. Acesso em: 5 maio. 2023c.

CLARÍN. *Lula da Silva acusa a Estados Unidos de “incentivar” la guerra en Ucrania*. Disponível em: <https://www.clarin.com/mundo/lula-da-silva-acusa-unidos-incentivar-guerra-ucrania_0_mBQZ gQkim3.html>. Acesso em: 5 maio. 2023d.

EL OBSERVADOR. *Brasil está “de vuelta”, dijo Lula al iniciar su visita a China para hablar de Ucrania e inversiones*. Disponível em: <<https://www.observador.com.uy/nota/brasil-esta-de-vuelta-dijo-lula-al-iniciar-su-visita-a-china-para-hablar-de-ucrania-e-inversiones-202341375457>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

EL PAÍS. *Lula en China*. Disponível em: <<https://elpais.com/opinion/2023-04-16/lula-en-china.html>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

G1. *Biden anuncia pedido de US\$ 500 milhões para Fundo Amazônia ao Congresso dos EUA*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/04/20/divisoes-geopoliticas-nao-devem-torpedear-uta-contra-clima-diz-biden.ghtml>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

GEREZ, J.-C.; LEMAÎTRE, F.; RICARD, P. La visite du président brésilien Lula en Chine illustre les ambitions et les limites des BRICS. *Le Monde*, 15 abr. 2023. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/international/article/2023/04/15/la-visite-de-lula-en-chine-illustre-les-ambitions-et-les-limites-des-brics_6169645_3210.html>. Acesso em: 5 maio. 2023.

JIANGTAO, S. *Hopes run high on either side as Brazilian President Lula embarks on China trip*. Disponível em:

<<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3216830/brazilian-president-lulas-china-trip-sends-hopes-soaring-either-side>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

LIANG, X. *China rolls out red carpet for Brazil's President Lula, pledging to elevate ties*. Disponível em:

<<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3217130/china-rolls-out-red-carpet-brazil-s-president-lula-pledge-elevate-ties>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

OKOGBA, E. *Brazil's Lula says US "encouraging" war in Ukraine* Vanguard News, 15 abr. 2023. . Disponível em:

<<https://www.vanguardngr.com/2023/04/brazils-lula-says-us-encouraging-war-in-ukraine/>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

REUTERS. *Lula courts Chinese tech for Brazil, brushes off "prejudices"* Reuters. Disponível em: <<https://www.reuters.com/technology/brazil-paves-way-semiconductor-cooperation-with-china-2023-04-14/>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

TOBIN, M.; LI, L. *Lula tells Xi 'nobody can stop' Brazil-China relationship*. Washington Post, 17 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/world/2023/04/14/brazil-china-lula-xi-jinping/>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

WALLACE-WELLS, D. *Opinion | Is the World Really Turning Away From the United States?* The New York Times, 19 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/04/19/opinion/united-states-power-influence-multipolarity.html>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

WANG, E.; RYAN, W.; PARAGUASSU, L. *China and Brazil reset ties with tech, environment accords, agree on Ukraine*. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/china-brazil-reset-ties-with-tech-environment-accords-agree-ukraine-2023-04-14/>>. Acesso em: 5 maio. 2023.

Dilma Rousseff na presidência do Banco do BRICS e porque isso importa: uma análise das relações Brasil e China

Maria Luiza da Silva Laranjeiras¹

INTRODUÇÃO

A posse de Dilma Rousseff na presidência do *New Development Bank*, o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), no dia 13 de abril, desencadeou uma série de comentários, análises e perspectivas acerca das expectativas do novo momento que se desenha para as economias emergentes de todo mundo, em especial para os BRICS. As altas expectativas são naturais, ante a retomada de uma posição de destaque no cenário por parte do Brasil e a sua reaproximação com os BRICS, após o afastamento dos últimos anos (SILVA, 2022). Dessa forma, a presente análise visa elencar tais perspectivas com o objetivo entender o papel do NBD no desenvolvimento desses países e, sobretudo, entender o papel das relações sino-brasileiras nesse novo modelo de desenvolvimento.

O BANCO

O Banco dos Brics resultou de um acordo firmado em 15 de julho de 2014 e que entrou em vigor quase um ano depois, em 3 de julho de 2015. A princípio, o papel do banco era a mobilização de recursos para obras de infraestrutura nos países membros (NDB, 2023). Os países do BRICS atuam na administração da entidade, na qual seus ministros da fazenda são integrantes obrigatórios. A partir de sua fundação, o capital de investimentos foi distribuído igualmente entre os membros, que também possuem o mesmo poder de voto relativo às

¹ Graduanda em Direito pela Universidade de Brasília, coordenadora geral do GECHINA- UnB, pesquisa legitimidade constitucional e direito chinês. email: mls_laranjeiras@gmail.com

decisões de administração e aceitação de projetos, com destaque para a não existência de qualquer poder de veto (NDB, 2014).

Além disso, como é comum nos bancos de desenvolvimento, todos os países membros das Nações Unidas podem ser membros do Banco, contanto que a participação dos países Brics não seja menor que 55% dos votos (NDB, 2014). Atualmente, com mais de 100 projetos, entre realizados e em processo de realização, firma-se como um banco em crescimento, com cada vez mais países interessados em integrar a organização.

O compromisso de financiamento estrutural das grandes obras nas economias emergentes ficou demonstrado com sua atuação em projetos de auxílio à emergência da Covid-19, expansão de estradas no meio rural da China, construção de obras de saneamento no Brasil, projetos de revitalização e estabelecimento de cidades em todos os países participantes, entre tantos outros realizados desde sua criação. Além disso, em seu mais recente relatório (NDB, 2022), o Banco sinalizou a meta de investimentos de mais de 30 bilhões de dólares até 2026, somados aos US\$ 33 bilhões já investidos até o momento.

Em outro aspecto de relevo, é fundamental notar alguns elementos sobre o Banco e seu funcionamento. Seu surgimento associado às potências emergentes no contexto posterior à crise financeira de 2008 é parte de um processo de densificação das atividades dos BRICS (VASCONCELOS; GARCIA, 2023). Essa conjuntura fez com que fosse esperado do NDB um papel de alternativa ao poder financeiro do ocidente, em especial ao Banco Mundial e o FMI. Essa expectativa de concretizar um escape às políticas de poder desiguais do Norte Global parece cada vez mais concebível ao observar-se o ainda modesto, mas constante crescimento do banco e de suas frentes de investimento (PENNAFORTE; BONES; CAMARGO FILHO, 2022).

PROJETOS E PERSPECTIVAS PARA O SUL GLOBAL

Ante o histórico do NBD é visível que a nomeação de Dilma para o cargo de presidente traz destaque à posição assumida pelo Brasil no momento, novamente com claras intenções de consolidar-se como ator fundamental no contexto da cooperação Sul-Sul. Essas diversas movimentações, como a assinatura de uma série de acordos entre o Brasil e a China, os posicionamentos perante conflitos do norte global, o aspecto mais cauteloso assumido nas tratativas diplomáticas com os Estados Unidos, e, é claro, a nomeação de Dilma para a presidência do Banco do Brics, demonstram a clara intenção de posicionar o Brasil em um papel central para a união de países emergentes, países que possuem, dentro de suas próprias realidades, pautas semelhantes relativas às preocupações com o combate à pobreza, a questão climática e de desenvolvimento sustentável.

Os últimos dois pontos, nesta perspectiva, tem ganhado destaque nos empreendimentos realizados pelos países em desenvolvimento, uma preocupação razoável já

que estudos apontam que os países do sul global serão os mais afetados pelas consequências do aumento das temperaturas (TORRES; JACOBI; LEONE, 2020). Sendo assim, o desenvolvimento sustentável deve passar de mera pauta em discussão para ação em concretização nessas nações. No próprio discurso de posse, a presidente Dilma reiterou a importância de seguir e implementar estruturas que permitam a sua adequação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, metas definidas pela ONU para a concretização de um futuro melhor e mais engajado em resolver problemas dessa era. No mesmo tom a nova presidente enfatizou a importância do Acordo de Paris e a continuação do comprometimento com a realidade das metas por ele estabelecidas (PODER 360, 2023).

Ademais, a atual dirigente do NDB comentou sobre as principais metas colocadas pelo Banco nesse momento atual, destacando a fundamentalidade da promoção de infraestrutura e sobretudo infraestrutura digital, o combate a pobreza nos países membros e associados, a superação das desigualdades e a promoção do desenvolvimento compartilhado, uma espécie de desenvolvimento fundamentado nas cooperações entre esses países. Esse, na verdade, parece ser o conceito chave para entender as propostas de desenvolvimento e modernização dos países membros, assim como o estreitamento das relações Brasil e China, para entender que o futuro pertence a todos, mas as presentes ações afetarão alguns de maneira mais desproporcional do que outros.

Essas preocupações com desenvolvimento sustentável situam-se com impacto cada vez maior nesses países, onde a estruturação de um Banco que realmente viabilize seus desdobramentos ao mobilizar recursos para obras de infraestrutura; energia limpa, garantia de acesso à água, saneamento e transporte, áreas que são enfáticas para o futuro dos países do sul global, também chama atenção e atrai a movimentação de países fora do BRICS. Até o momento, cerca de 19 países estão interessados em integrar a aliança, que recebeu recentemente três novos membros: Egito, Bangladesh e Emirados Árabes Unidos (NDB, 2021).

O BRASIL COMO FIGURA DIPLOMÁTICA NO BRICS

É justamente ante a essas questões que o Brasil reassume seu papel decisivo - regional e global - como importante ator do sul global. Em meio a isso, a indicação da presidente Dilma para a presidência do banco com sede em Shanghai também tem grande significância dentro desse momento de estreitamento das relações Brasil e China, no qual alguns chegam a apontar que as boas relações da dirigente com o presidente Xi Jinping também foram essenciais para a sua escolha. O fato é que, de uma maneira ou outra, essa maior participação política e diplomática indica um novo e promissor caminho para todas as economias emergentes do Sul Global.

Desses fatores entende-se, também, a extrema importância da existência de um possível novo caminho de desenvolvimento, em especial um meio de desenvolvimento

sustentável e estrutural para aqueles que durante décadas tiveram seus processos de modernização prejudicados. É exatamente nesse sentido que se enxerga o novo momento de fortalecimento dos BRICS, uma forma de conceder aos maiores *players* políticos fora do eixo ocidental a possibilidade de concretizar suas próprias definições de um novo caminho de desenvolvimento, ainda mais com propostas também alternativas, adequadas a suas realidades.

Observar essas movimentações leva a conclusão de que há a estruturação de uma Nova Ordem Multipolar (SCHULZ, 2020), não subjugada apenas aos ditames do Norte Global, mas sim com maior participação e integração dos países antes relegados à posição de coadjuvantes. Iniciativas como o BRICS possibilitam que países busquem interesses econômicos e comerciais de forma segura, vinculados a uma instituição formal com amplos espaços para cooperação e trocas tecnológicas. Uma verdadeira tentativa de reequilibrar uma ordem internacional baseada no realismo, dando às nações, inclusive àquelas que não fazem parte do bloco, a possibilidade de tomar decisões consensuais, gerenciar conflitos e executar suas políticas. A configuração desse cenário multipolar é extremamente importante, principalmente frente às tensões que têm surgido no Norte Global e as pressões pelo envolvimento e posicionamento de países como Brasil e China em seus conflitos, que podem emitir suas colocações com menos receio de retaliações econômicas, por exemplo.

Esse aspecto foi ressaltado pela nova dirigente em sua posse em Xangai, ao mencionar a importância da força de integrar a economia global como líderes globais unidos, que devem assumir o papel de apoio recíproco para os países em desenvolvimento. A dirigente afirma “juntos somos mais fortes e capazes”, demonstrando a visão para o empreendimento do NDB e deixando claro o intuito de manifestar o grande impacto desses atores do Sul Global, em especial nesse esperado período de cooperação, modernização e contínuo desenvolvimento desses países.

UM NOVO MOMENTO PARA AS RELAÇÕES BRASIL E CHINA

Nesse sentido, a nomeação da nova dirigente e sua posse em meio à agenda de compromissos do governo brasileiro na China tem caráter de relevância nesse novo momento das relações Brasil e China. Durante seu pronunciamento, Dilma Rousseff realça o papel do BRICS e dos projetos do New Development Bank em possibilitar a construção de um **“mundo próspero e desenvolvimento compartilhado por toda a humanidade”**. Essa frase aparenta extrema significância no contexto em que foi proferida, em principal para aqueles que acompanham as movimentações de política externa chinesas, já que é similar à ‘comunidade de destino compartilhado’, expressão de comum presença nos discursos do Presidente Xi Jinping e que tem sido ponto focal das políticas ambientais e das posições diplomáticas do governo chinês nos últimos anos (SANDALOW, 2019). É dentro dessas diversas tratativas com o país que

se torna visível a importância que ambos os países estão dando para o estabelecimento de relações diplomáticas estáveis.

Em continuidade, dentro do arcabouço de cooperação com o país asiático, o Brasil tem se mostrado cada vez mais aberto a estabelecer acordos significativos, temas como a 'desdolarização' de suas relações comerciais - isto é, a substituição do dólar por uma moeda local em trocas comerciais -, a retomada de agendas do BRICS, a celebração de acordos de partilhamento tecnológico, do setor de comunicações, industrial, agrícola, e as movimentações das cooperações entre os dois países dentro e fora do escopo do Banco. Esses acordos entre as duas potências do Sul também dialogam com o paradigma da 'Modernização ao estilo chinês', que é centrada nas pessoas e na cooperação benéfica a todas as partes, assim como pacífica.

Esse ponto é crucial para entender o novo momento de cooperação Brasil e China, não só no sentido das colaborações concretas firmadas pelos novos acordos, mas entender a posição geopolítica que cooperar com os países do BRICS, em especial com a China, traz ao Brasil nesta ordem multipolar.

Em síntese, o que é possível observar nesse novo momento das relações sino-brasileiras é que se encontram países sem receio de cooperar em projetos de desenvolvimento e em especial de demonstrar com clareza essa cooperação. Parceiros comerciais a anos, a China sendo o maior parceiro do Brasil desde 2009 (BRASIL, 2010), ainda era notável certa restrição ao campo das commodities e manufatura nas negociações entre os dois países, além de certa apreensão em se pronunciar a favor da China pelo Brasil. A escolha de Dilma para o cargo, a viagem do presidente Lula, a recepção da delegação brasileira e todos os pronunciamentos oficiais referentes à viagem foram claros em manifestar a importância dada pelos líderes dos dois países na boa relação e também para demonstrar um Brasil mais seguro em dar a devida importância às relações diplomáticas com a China e retomar a posição do BRICS de poder alternativo na construção de uma ordem multipolar.

Por fim, de forma clara e pragmática, é visível o objetivo primário do NDB ligado à superação de desafios naturais e socioeconômicos enfatizados nas nações do Sul como desigualdade, pobreza, conflitos ambientais e falta de acesso à educação e saúde, e realiza tais objetivos como os demais bancos de desenvolvimento. No entanto, o diferencial de manter-se como instituição formal firmada por países do bloco econômico e de colocar tão visivelmente os interesses de países que são por vezes limitados em suas atuações, constrói um cenário de cooperação promissor que vale ser acompanhado pelos próximos anos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Ajustes na balança comercial 2009 colocam China como principal parceiro comercial do Brasil**, 2010. Disponível em:

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=5-icia=9560>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

NDB. **Agreement on the New Development Bank – Fortaleza, July 15**. 2014. Disponível em: <https://www.ndb.int/wp-content/themes/ndb/pdf/Agreement-on-the-New-Development-Bank.pdf>.

NDB. **NDB Initiates Membership Expansion, Extends Global Outreach**. New Development Bank. 2021. Disponível em: <https://www.ndb.int/news/ndb-initiates-membership-expansion-extends-global-outreach-development-bank-established-by-brics-welcomes-the-admission-of-uae-uruguay-and-bangladesh-as-new-members/>. Acesso em: 10 maio 2023.

NDB. **Annual Report 2021**. 2022. Disponível em: https://www.ndb.int/annual-report-2021/pdf/NDB_AR_2021_complete.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2023.

NDB. Home - New Development Bank. 2023. Disponível em: <https://www.ndb.int/>. Acesso em: 8 de maio de 2022.

PENNAFORTE, Charles; BONES, Nairana Karkow; CAMARGO FILHO, Homero. Novo banco de desenvolvimento do BRICS: alternativa ao poder financeiro ocidental? Brics' New development bank: an alternative to the western financial power?. **Mural Internacional**, v. 13, p. 63700, 2022.

PODER 360. **Assista à íntegra do discurso de Dilma no Banco dos Brics**. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XzITi6CK8wc>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

SANDALOW, David. **Guide to Chinese Climate Policy**. Columbia University SIPA, Center on Global Energy Policy, September, New York, 2019.

SCHULZ, Juan Sebastián . DEZ ANOS DO BRICS: CRISE DE HEGEMONIA OCIDENTAL E CONSTRUÇÃO DE UMA ORDEM MUNDIAL MULTIPOLAR. **Revista Tempo do Mundo**, n. 22, p. 189-216, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/242>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

SILVA, André Luiz Reis; DE HOLLEBEN, Raquel. De Lula a Bolsonaro: rupturas e continuidades discursivas na política externa brasileira para os BRICS (2003-2020): ruptures and discursive continuities in Brazilian foreign policy for the BRICS (2003-2020). **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 11, n. 22, p. 200-226, 2022.

TORRES, Pedro Henrique Campello; JACOBI, Pedro Roberto; LEONEL, Ana Lia. Nem leigos nem peritos: o semeador e as mudanças climáticas no Brasil. **Política & Sociedade**, v. 19, n. 44, p. 17-38, 2020.

VASCONCELOS, Jonnas Esmeraldo Marques de; GARCIA, Ana Elisa Saggioro. The New Development Bank: An Evaluation of the First Five Years of BRICS Financial Institution. **Revista Direito UNIFACS**, n. 272, 2023.

文化时刻



MOMENTO CULTURAL

Um novo tempo da política externa brasileira para a China

Thaís da Silva Viana¹

Observar a década de 1980 no Brasil é se colocar frente a um período conturbado, responsável por sentimentos e momentos conflitantes da história brasileira. Ainda sob o governo militar, com o general João Batista Figueiredo como presidente, o ano de 1979 trazia ares de esperança com as mobilizações populares para a promulgação da Lei da Anistia², a qual permitia a volta de exilados políticos para o Brasil, e uma crescente expectativa de abertura política (CHACUR, 2020; BRASIL, 1979). Contudo, a mesma década ainda reservaria uma crise econômica sem precedentes para o país, a qual proporcionou todas as incertezas que uma crise econômica pode trazer, com a diminuição do poder de compra, a hiperinflação e o aumento da dívida externa brasileira.

É na efervescência desse período que Ivan Lins, conjuntamente com Vitor Martins, compõe “Novo Tempo”, canção título do álbum lançado em 1980. O próprio título já reflete o lirismo e a subjetividade envolta na música (CHACUR, 2020). O eu lírico carrega a esperança para um novo momento que se mostra brilhante, ativo e feliz, apesar dos perigos ainda tão tangentes no presente. Para além de uma referência à própria expectativa pessoal do compositor, a letra se conecta com o momento de expectativas para a abertura política no Brasil e na superação da repressão do período ditatorial. Há uma reafirmação da necessidade da manifestação popular, da superação das injustiças e da violência. A mensagem segue no reforço

¹ Mestranda em Relações Internacionais pelo PPGRJ da UERJ, como bolsista da CAPES. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora no Núcleo de Estudos Internacionais Brasil-Argentina (NEIBA). E-mail: thais.viana298@gmail.com

² Lei No 6.683 de 28 Agosto de 1979.

de que é preciso manter a luta política para a construção de um legado democrático e esperançoso para o país. O "novo tempo" representa não apenas uma visão esperançosa para o futuro, mas também a visão de um presente difícil, mas, esperançoso.

A composição transcende seu próprio tempo e torna-se uma das canções mais referenciadas da Música Popular Brasileira, símbolo da intensa expectativa por dias melhores que marcou os últimos momentos da ditadura no Brasil.

É essa imagem de esperança envolta de temores e mantida pelo esforço conjunto que deu o tom do primeiro encontro oficial de Lula com o presidente chinês Xi Jinping em 14 de Abril de 2023, em Pequim. Durante a cerimônia de boas-vindas, a música de Ivan Lins ecoava no Grande Salão do Povo, conduzindo os presidentes em desfile para a revista das tropas e a um grupo de crianças que cumprimentavam as autoridades com flores (PRAZERES, 2023).

A escolha da canção, sugerida pela equipe do Cerimonial do Itamaraty, marca as expectativas positivas para as relações bilaterais entre Brasil e China (CHADE, 2023). Após um período de relações conflituosas durante o governo Bolsonaro — com inúmeros episódios de retração de acordos entre Brasil e China e até ofensas de participantes da política externa bolsonarista —, o governo Lula indica o início de um novo tempo da política externa do Brasil em relação à China (MAGALHÃES, 2022).

A esperança retratada na canção, agora, se materializa na expectativa de colaboração entre o Brasil e a China. Os 15 acordos assinados durante a visita do presidente brasileiro — com destaque aqueles que versam sobre cultura e cooperação ambiental — reforçam o papel da cooperação para a construção de um presente e um futuro esperançoso. Mais do que uma música escolhida para uma formalidade presidencial, a canção se torna símbolo de um compromisso do governo brasileiro para a reconstrução dos laços com a China, no retorno de uma parceria estratégica para os países e para os próprios órgãos de cooperação multilateral dos quais ambos participam — como os BRICS —.

O 'novo tempo' surge indicando uma política externa brasileira mais madura, que busca superar todas as desavenças de um passado recente e consolidar as relações Brasil-China. A

política combativa à China, característica do período Bolsonaro, agora já são parte de um passado pouco benéfico. É tempo de uma nova relação, uma volta do Brasil para o cenário internacional e um novo caminho para suas relações exteriores.

Interessante observar como esse novo período de esperança também é ciente dos percalços que ainda precisam ser percorridos. O ‘novo tempo’ que surge ‘apesar dos perigos’, como bem anunciado pelo governo brasileiro, se materializa logo ao longo da visita de Lula à China — com o discurso do presidente o qual afirma que “ninguém vai proibir o aprimoramento da relação do Brasil com a China”³ e sua visita à Huawei. Há uma consciência do governo Lula frente aos desafios e questões exteriores ainda presentes e que ainda influenciam a relação entre Brasil e China. Essa atenção às dinâmicas externas, às pressões do cenário internacional, e ao peso político dos Estados Unidos nas relações bilaterais, marcam as dificuldades desse novo caminho de cooperação entre Brasil e China. Não apenas o passado, mas também o presente, apresenta seus desafios.

Há, de fato, um novo tempo nas relações internacionais. Seja pela nova dinâmica da geopolítica e econômica internacional que vai se moldando a cada dia ao redor da China seja pelas conjunturas de segurança que a Guerra da Ucrânia vai formando, e o Brasil, como um ator que vai retornando ao cenário como um *player* importante, indica estar ativo neste novo momento.

As relações bilaterais entre Brasil e China também fazem parte desse novo período. Um novo período de cooperação mútua, de fortalecimento de laços e construção de um caminho futuro. Os desafios passados seguem existindo em outras figuras, mas ainda assim, há esperança e resiliência. Assim como seu próprio povo cantava no início do fim da ditadura militar na década de 1980, o Brasil segue em cena, não apenas frente às suas conjunturas interiores e sua luta interna contra o autoritarismo, mas, cada vez mais, em sua presença internacional.

Referências Bibliográficas

³ Referente a declaração feita pelo presidente Lula durante a reunião com o presidente chinês Xi Jinping em 14 de Abril. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6pne0x3rz2o>.

BRASIL. Lei no 6.683, de 28 de agosto de 1979. Dispõe sobre a concessão de anistia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 ago. 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm. Acesso em: 23 abr. 2023.

CHACUR, Fabian. "Novo Tempo" (1980): Ivan Lins consolida e cria outros caminhos. **Mondopop**. 25 Nov. 2020. Disponível em: <https://www.mondopop.net/2020/11/novo-tempo-1980-ivan-lins-consolida-e-cria-outros-caminhos/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CHADE, J. Canção para recepção de Lula na China foi sugerida pelo Planalto. **UOL**, São Paulo, 16 abr. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/04/16/cancao-para-recepcao-de-lula-na-china-foi-sugerida-pelo-planalto.htm>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MAGALHÃES, Diego Trindade D'avila. Efeitos do antiglobalismo brasileiro sobre as relações Brasil-China (2018-2020). **Revista de Ciências Humanas: Dossiê Relações Brasil-China**, jan-jul/2022. vol.1 n. 22. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/13748/7120>. Acesso em: 14 de Ago. 2022.

MÁXIMO, Wellton. Lula: relação entre Brasil e China muda de patamar após viagem. **Agência Brasil**, 15 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-04/lula-relacao-entre-brasil-e-china-muda-de-patamar-apos-viagem>. Acesso em: 24 abr. 2023.

PRAZERES, Leandro. "Ninguém vai proibir que o Brasil aprimore relação com a China", diz Lula em reunião com Xi Jinping. **BBC NEWS Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6pne0x3rz2o>. Acesso em: 18 abr. 2023.

UCHÔA, Marcos. Visita de Lula à China marca novo momento da diplomacia brasileira. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-04/visita-de-lula-china-marca-novo-momento-da-diplomacia-brasileira>. Acesso em: 19 abr. 2023.



研究中国

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CHINA

gechina.unb@gmail.com

 [@gechinaunb](https://www.instagram.com/gechinaunb)

www.terracotagechina.wordpress.com